

RESUMO

A pesquisa examina os aspectos teóricos e empíricos relacionados ao movimento de reestruturação produtiva das economias e as implicações sobre o processo de terciarização verificado na atualidade tanto em países avançados quanto nos menos desenvolvidos. O estudo parte de uma base teórica que inclui como condicionantes da intensificação dessa reestruturação e terciarização o crescente processo de globalização econômica, o aumento da intensidade e da velocidade do progresso tecnológico, bem como a necessidade do enfrentamento de uma situação conjuntural recessiva. Foi examinada empiricamente a realidade brasileira em um período histórico a partir dos anos 70.

PALAVRAS-CHAVES

Setor terciário; Reestruturação produtiva; Globalização; Progresso tecnológico; Trabalho.

ABSTRACT

The study aims to examine the theoretical and empirical aspects related to the productive restructuring dynamics of the economies and the implications on the tertiarization process presently verified in advanced and less developed countries. The research begins from a theoretical base that includes as conditioning factors the growing of firms restructuring and outsourcing, the increasing process of economic globalization, the growth in intensity and speed of technological innovations, as well as the necessity of coping with the recessive conjunctural situation. The Brazilian reality was empirically examined for the period since 1970.

KEY WORDS

Tertiary sector; Productive restructuring; Globalization; Technological progress; Labor.

SUMÁRIO

I.	Resultados da pesquisa	3
1.	Introdução... ..	3
2.	O crescimento das atividades de serviços e o desenvolvimento econômico	5
3.	A dinâmica da reestruturação econômica	25
4.	Reestruturação de serviços públicos e privados	37
5.	As conseqüências da internacionalização dos serviços.....	43
6.	Reestruturação econômica e efeitos regionais	56
7.	A terciarização no Brasil	64
7.1.	A evolução do setor terciário	64
7.2.	Reestruturação produtiva, terceirização e fusões.....	67
8.	A redistribuição produtiva e a terciarização	73
8.1.	Consideração iniciais.....	73
8.2.	Aspectos metodológicos	74
8.3.	A interpretação dos resultados	75
8.4.	As transformações nos gêneros do terciário	83
8.5.	A redistribuição regional dos serviços	90
9.	Considerações finais	92
II.	Referências bibliográficas	96

REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E TERCIARIZAÇÃO

Anita Kon*

I. RESULTADOS DA PESQUISA

1. INTRODUÇÃO

Como salientado por Feketekuty:¹ “As atividades de serviços estão no centro de uma revolução econômica mais ampla que está ocorrendo entre nós. Esta nova revolução econômica é equivalente à Revolução Industrial do século XVIII, ao surgimento das corporações na Idade Média e à mudança de uma economia de caça/coleta para uma economia agrícola/pastoral no princípio da época da História registrada, quando a agricultura organizada levou inicialmente ao desenvolvimento de cidades e à invenção da escrita”.

As novas ferramentas nessa recente revolução são os computadores, robôs e fábricas completamente automatizadas, que estão reduzindo rapidamente a necessidade do trabalho físico na produção. Por outro lado, o trabalho físico também é reduzido pela maquinaria, fertilizantes, pesticidas e engenharia bioenergética na agricultura. O resultado dessas transformações é o fato de que mais indivíduos ganharão sua remuneração trabalhando em serviços.

* A autora agradece ao Professor Werner Baer, do Departamento de Economia da University of Illinois at Urbana - Champaign, ao Professor Joseph L. Love, diretor do Center for Latin American and Caribbean Studies-UIUC pelo apoio recebido como Visiting Scholar da UIUC e à CAPES/Brasil.

¹ Nusbaumer (1987), prefácio.

Apesar do fato de a maior parte dos países desenvolvidos apresentarem economias orientadas grandemente para os serviços, pouca atenção ainda tem sido dada ao papel que essas atividades estão representando no crescimento e na mudança econômica. Os serviços são freqüentemente considerados como um setor que inclui todas as atividades que não pertencem ao setor primário e secundário. Como sugerido por Riddle, “o setor de serviços é uma das partes menos compreendidas de nossa economia global”, apesar do fato de que “nenhuma economia pode sobreviver sem um setor de serviços organizado”².

O lugar dos serviços na economia mundial na atualidade é primordial pela função de facilitar todas as transações econômicas não apenas fornecendo insumos essenciais para as manufaturas, mas também permitindo inter-relacionamentos para frente e para trás (*forwards and backwards effects*) para o desenvolvimento dos pólos de crescimento, ou seja: “os serviços são a cola que mantém qualquer economia integrada, são as indústrias que facilitam todas as transações econômicas e a força propulsora que estimula a produção dos bens”³.

Mais recentemente, na década de 80, foi possível observar um crescente interesse pelas atividades de serviços nos países desenvolvidos da Europa, particularmente porque os serviços têm sido a principal fonte de criação de empregos desde a crise de petróleo de 1973⁴; no entanto, tem havido pesquisa pouco substancial sobre a dinâmica e a localização dessas atividades como um papel preponderante no desenvolvimento dos demais setores e no processo de intensificação da globalização. As indústrias de serviços têm recebido atenção mais intensa recentemente, tendo em vista a consciência de que, para competir em mercados mundiais, os países devem adquirir essas atividades de uma forma mais barata, rápida e eficiente.

² Riddle (1986), pág. 1.

³ Idem (1986), pág. 26.

⁴ Sobre o assunto, salientam-se as análises da OECD (1984); Noyelle and Stanback (1984); Noyelle (1986); Bannon (1987); Baily e Maillat (1986).

A nova revolução econômica dos serviços está transformando também a organização da economia internacional, ao permitir que a produção se tornasse mais internacionalizada. Um computador, por exemplo, contém partes manufaturadas em muitos países e funciona através de serviços gerados em uma outra série de países. Os bens produzidos globalmente competem em mercados globais e a internacionalização das manufaturas é devida e é complementada pela equivalente internacionalização dos serviços. Dessa forma, a internacionalização da atividade econômica é baseada no crescente comércio exterior dos assim chamados serviços auxiliares às empresas, que são, entre outras características, principalmente intensivos em conhecimento e em informação. No passado, os economistas definiram os serviços como não-exportáveis, mas, na atualidade, a investigação sobre a exportação dos serviços tem sido intensificada.

Assim, este estudo examina teórica e empiricamente alguns aspectos sobre o papel das atividades de serviços na recente reestruturação das economias mundiais, tanto em países avançados como menos desenvolvidos. Para entender esse papel, o texto observa os determinantes do crescimento dessas atividades e os impactos sobre as economias, que podem apresentar diversas formas de reestruturação, de acordo com o nível de desenvolvimento de cada realidade econômica. Em seqüência, é discutida a reestruturação do setor de serviços nos diferentes contextos público e privado. É examinado também o processo de internacionalização dos serviços como fundamental para a reestruturação produtiva global, bem como os aspectos regionais dessas transformações.

2. O CRESCIMENTO DAS ATIVIDADES DE SERVIÇOS E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Nos anos mais recentes, os países industrializados tornaram-se economias de serviços e parece evidente que outras economias menos desenvolvidas estão se dirigindo também para a mesma direção. Apenas recentemente tais mudanças têm

recebido maior atenção dos economistas. O primeiro trabalho que dá alguma atenção ao assunto foi escrito por Victor Fuchs em 1968 (*The Service Economy*), porém, algumas questões levantadas, acerca da contínua ascendência das atividades de serviços em economias avançadas e menos desenvolvidas, ainda não foram respondidas.

Existem três conjuntos de explicações clássicas para analisar o crescimento das atividades de serviços.⁵ A primeira explicação se concentra na análise das razões das mudanças nas parcelas relativas e absolutas do emprego no setor terciário, descrevendo o fenômeno da terciarização como um processo que conduz à sociedade de serviços.⁶ Essa explicação é baseada na teoria dos estágios de evolução, de acordo com a qual a demanda por serviços ultrapassa o crescimento da renda familiar disponível. Salaria também que existem diferenças nas produtividades dos serviços e das manufaturas, e que o setor terciário é um escoadouro para o excedente de mão-de-obra do setor de produção de bens.

A segunda forma de analisar o fenômeno salienta que a terciarização é um resultado do declínio relativo e absoluto do emprego no setor secundário (desindustrialização) subsequente ao desenvolvimento de novas tecnologias mais produtivas. Esse declínio é também observado como o efeito do consumo decrescente de bens industriais. Assim, a desindustrialização é uma consequência do fato de que, com as recentes inovações tecnológicas, o emprego decresce, a produtividade aumenta e os investimentos visam mais à maquinaria do que à criação de empregos manuais. Nesse caso, o setor terciário reabsorve a mão-de-obra dispensada, e a realocação de capital para o setor de serviço é efetuada com maiores retornos e rentabilidade.⁷ O terceiro conjunto de explicações aponta que a queda do emprego no setor secundário é devida ao crescimento do emprego no setor público, o que é uma consequência do aumento da demanda por serviços coletivos.

⁵ Baily e Maillat (1991), pág. 131.

⁶ Kon (1992).

⁷ Kon (1992 e 1995).

Os economistas, seguindo a idéia dos geógrafos, reconhecem que os serviços são um fenômeno urbano. Alguns estudos se referem a um forte relacionamento entre a proliferação dos serviços e a ampla urbanização.⁸ Porém, as atividades terciárias têm sido, geralmente, consideradas como desempenhando um papel subordinado na expansão urbana, e o setor secundário tem sido reconhecido como o principal motivador do crescimento urbano, desde o início do século. Desde a década de 30, o setor manufatureiro nos países mais desenvolvidos tem sido visto como a base econômica de uma área urbana. A teoria da base econômica sugere que os fundamentos para qualquer economia local é a sua base de exportação, ou seja, as aglomerações urbanas retêm sua viabilidade como economias locais na medida em que forem capazes de fornecer produtos para áreas externas.⁹ Um desenvolvimento deste argumento enfatiza os fortes inter-relacionamentos “para trás” das indústrias manufatureiras dentro de seu território geográfico, sendo mais prováveis de obterem economias de escala do que os serviços. Por outro lado, a maior parte dos serviços apresenta aparentemente baixos níveis de crescimento da produtividade, o que reforça o ponto de vista de que os serviços são menos produtivos do que as manufaturas.

A aceleração no desenvolvimento e na diversificação das indústrias de serviços, na segunda metade deste século, é colocada contra a visão anterior de que os serviços eram obscurecidos pelo impacto visível das manufaturas sobre as cidades e regiões. Assim, os serviços foram considerados como desempenhando um papel subordinado, que se torna visível apenas enquanto o setor manufatureiro o for. Se esse setor decresce, e a base de exportação recua, as atividades de serviços sofreriam efeitos multiplicadores reversos. O desenvolvimento desigual entre algumas regiões é considerado como sendo uma consequência da reorganização de certas firmas industriais em face da demanda declinante para sua produção e da pressão competitiva, que encorajam a obtenção de melhorias na produtividade do trabalho. A automação e a mudança tecnológica tornam o processo produtivo mais

⁸ McKee (1988), pág. 8.

⁹ Hoyt (1960).

capital-intensivo e reduzem a demanda para trabalhadores na área da produção, enquanto, com o declínio geral do emprego no setor secundário, uma parcela crescente de trabalhadores gerenciais, técnicos e de apoio reflete a crescente terciarização da produção e a crescente mudança na divisão de trabalho em grandes empresas.¹⁰

Durante algumas décadas, a análise do setor de serviços como complementar teve alguma validade histórica em cidades de países avançados, mas é uma simplificação do papel que as atividades de serviços estão desempenhando na atualidade nesses países, e principalmente nos menos desenvolvidos. Podemos encontrar atualmente alguns países cujas economias são orientadas para o desenvolvimento dos serviços e não podemos supor que nesses países o setor terciário seja sinônimo de subordinação e fraqueza. Alguns autores¹¹ salientam que é uma interpretação errônea considerar-se que os serviços crescem apenas às expensas das atividades manufatureiras e que o desenvolvimento das atividades de serviços seja visualizado como um novo estágio do crescimento econômico. No primeiro caso, o desenvolvimento da circulação, distribuição e regulação das atividades reflete a necessidade das firmas de dedicar montantes crescentes de recursos aos serviços, a fim de aumentar sua produtividade e sua capacidade de inovação. No segundo caso, o desenvolvimento das atividades de serviços reflete apenas uma evolução constante dos sistemas produtivos e a terciarização não é um fenômeno separado ainda que seja relacionada à desindustrialização.

Em suma, existem algumas teorias gerais nas quais o crescimento dos serviços é visto como um estágio na transformação de longo prazo das economias, como, por exemplo, as teorias do modelo de três setores¹² de Fisher e Clark, da emergência de uma economia pós-industrial, da desindustrialização ou da transição para uma economia da informação.¹³ De acordo com essas teorias, as indústrias de serviços

¹⁰ Kon (1995).

¹¹ Baily and Maillat (1991), pág. 130.

¹² Fisher (1939); Clark (1940).

¹³ Daniels (1993), pág. 34.

pertencem ao estágio mais avançado de desenvolvimento de uma economia, precedido nos estágios anteriores pela agricultura e pela manufatura, pela substituição das ocupações dos trabalhadores manuais pelos de escritório e burocráticos e pela tendência à maior qualificação e promoção da força de trabalho como recurso-chave, ou pela disponibilidade e maior acesso à informação como o principal fator de produção em vez da matéria-prima ou do trabalho. A tecnologia da informação e das comunicações vincula as economias de serviços e da informação, e a contribuição dos serviços ao desenvolvimento econômico e à economia mundial se transformou e se elevou desde a convergência dos computadores e das telecomunicações a partir de meados da década de 70.

A tecnologia da informação transformou as economias de muitas maneiras. Primeiramente, o que é produzido ou a composição (*mix*) de produtos têm sido alterados de modo que existe uma crescente complementaridade entre bens e serviços, com o desenvolvimento de novos serviços e maior diferenciação de produto ao invés de produção em massa. Em segundo lugar, o mercado tem mudado, abarcando maior internacionalização e uma crescente comercialização de serviços. Outra razão é que a localização da produção dos serviços tem se modificado, incluindo também a internacionalização e, finalmente, tem havido uma transformação dos processos produtivos.¹⁴

A análise da economia de estágios dos três setores ainda é amplamente usada, incluindo, certas vezes, um setor quaternário (informática), mas apenas descreve um processo de mudança social e econômica que resulta no estágio final em que os serviços tornam-se o maior grupo de atividades econômicas ou de emprego. No entanto, não fornece uma explicação para o crescimento das atividades de serviços, pois estas são muito heterogêneas e os vários grupos apresentam diferentes características e diferentes fatores afetam o seu desenvolvimento.¹⁵ Além disso, à medida que as economias nacionais e globais tornam-se crescentemente

¹⁴ Ochel e Wegner (1987); Kon (1994).

¹⁵ Kon (1992).

interligadas, os três setores mostram-se mais difíceis de serem definidos e seus limites mais indeterminados; isto foi intensificado pelo crescimento das corporações transnacionais de serviços desde a década de 80.

Por sua vez, a teoria dos estágios de desenvolvimento econômico, como visto, faz parte de um grupo de teorias que são classificadas como fundamentadas nos fatores de produção; salienta que o progresso tecnológico teve impactos crescentes no processo de desenvolvimento que envolve uma mudança de ênfase da formação de capital fixo nas plantas das manufaturas e na infra-estrutura, para formação de capital fixo em empresas de serviços. Outra teoria baseada nos fatores de produção é o princípio das vantagens comparativas, que explica os padrões de comércio exterior de bens e mostra como as diferenças entre os países no que se refere a capital fixo e infra-estrutura bem como nos recursos humanos, como na qualificação e educação, são responsáveis pelas variações nos padrões do comércio exterior de serviços.¹⁶ Outras teorias também explicam a expansão das atividades de serviços através da demanda de fatores. Em primeiro lugar, à medida que a renda disponível se eleva, a demanda para certos serviços também aumenta, como para lazer, por exemplo, para turismo, bens de consumo duráveis, serviços privados de saúde, etc. Os serviços são elásticos em relação à renda porque são afetados pelas mudanças em gostos, prioridades e preços. Sobre essa afirmação, existem algumas discussões porque dados de vários países europeus mostram que o consumo real de serviços comprados pelo setor privado declinou durante as décadas de 60 e 70; isso foi explicado pelo fato de que à medida que as rendas se elevam, o preço dos serviços também se elevam, em uma maior proporção do que a quantidade adquirida, de modo que existe uma discordância sobre a força da relação entre a demanda potencial por serviços e o grau de escolha que os consumidores finais podem exercer.¹⁷

¹⁶ Daniels (1993), pág. 16.

¹⁷ Daniels (1993), pág. 16.

Uma outra explicação para o crescimento do emprego nos serviços, baseada na demanda, afirma que as melhorias na produtividade do trabalho têm se mostrado inferiores para os serviços com relação às manufaturas, e aquelas atividades irão requerer um percentual maior da força de trabalho, ainda que a demanda seja difundida igualmente por todos os setores da economia. Os dados mostram que a produtividade do trabalho, mensurada como PIB real por pessoa ocupada nas economias de mercado adiantadas, bem como em desenvolvimento, é consistentemente inferior para os serviços privados em relação à manufatura.¹⁸ Por outro lado, não é possível a obtenção de aumentos na produtividade de todos os serviços e enquanto a produtividade de alguns serviços pessoais tem permanecido mais ou menos inalterada, outros serviços têm obtido grandes aumentos de produtividade devido aos avanços tecnológicos.¹⁹ Baumol exemplifica esse fato mostrando que o mesmo número de músicos são necessários para tocar um quarteto de Beethoven nos finais do século XX como eram no século XVIII, e a produtividade não mudou. Porém os avanços tecnológicos nas formas de gravação, reprodução e transmissão da música tornaram possível que um número quase ilimitado de pessoas pudessem ouvir a música e, nesses termos, a produtividade dos músicos aumentou.

Mas, desde a “economia da informação”, o emprego nos serviços tem se expandido ainda que alguns setores tenham testemunhado aumentos na produtividade.²⁰ A “economia da informação” é descrita como uma fase recente (desde a década de 80) do desenvolvimento econômico em que a produção de bens e serviços de informação dominam a criação de riquezas e de empregos, e os computadores e as telecomunicações fornecem potencial tecnológico para a inovação de produtos e processos. A informação aumenta a produtividade de qualquer setor, mas o gerenciamento, a aquisição e a interpretação dessa informação são trabalho-intensivos, ainda que tecnologias de processamento de informações sejam

¹⁸ Kon (1992).

¹⁹ Baumol (1967, 1986 e 1987).

²⁰ Castells (1989), pág. 136; Moraes (1996).

disponíveis. Castells sugere: “Por trás da expansão do setor de serviços, diretamente em termos de emprego, e indiretamente em termos de seus efeitos sobre o produto, está o desenvolvimento da economia da informação”²¹.

Duas outras causas da expansão do setor de serviços, baseadas nos fatores de demanda, são encontradas na literatura.²² Uma é o nível de urbanização e a outra é o comércio internacional ou o crescimento voltado para a exportação, como citado anteriormente. A crescente interdependência entre as nações, no contexto da economia global, se desenvolveu crescentemente nas décadas de 60 e 70, incluindo os países de baixa renda. Em anos recentes, fatores institucionais, como a mudança nos produtos e nas estratégias de mercado, bem como as políticas públicas, mostraram-se como fatores relevantes que afetaram o crescimento dos serviços em um nível nacional e internacional, como veremos posteriormente.

A dinâmica de rápida mudança da demanda por serviços ocasionou certa especialização flexível porque os produtores de bens e serviços tiveram que adotar estratégias que visavam à obtenção de permanente inovação e adaptação. Essa flexibilidade foi possível através da atração e do treinamento de mão-de-obra qualificada, pelo desenvolvimento de redes de cooperação entre as firmas e pela utilização de um nível considerável de tecnologia flexível.²³ Com o mesmo estoque de capital e trabalho, as firmas podem garantir que seja desenvolvida, produzida e distribuída uma maior gama de serviços. Além disso, a flexibilidade possibilita que os serviços com uma vida produtiva limitada tornem-se mais utilizáveis, do ponto de vista econômico; permite também que as firmas adotem padrões locais quando os serviços são mais dispersos, com menor controle organizacional. Nessa economia pós-industrial, as firmas estão cientes da necessidade de reduzir sua exposição a riscos (reduzindo estoques através de sistemas *just in time*), de controlar a

²¹ Castells (1989).

²² Riddle (1986).

²³ Kon (1994).

qualidade, de subcontratar ou terceirizar e de considerar o trabalho como um ativo de capital.

Algumas transformações, que reforçaram a passagem para as economias de serviços, particularmente em países mais desenvolvidos, foram o aumento das grandes corporações, da velocidade da mudança tecnológica, de aumentos no tamanho dos mercados e na diferenciação do produto, o desenvolvimento de novos mercados de consumo e o crescimento da influência de organizações governamentais e sem fins lucrativos.²⁴ No que diz respeito à extensão dessas transformações nos sistemas econômicos, foi também observado que mesmo que as atividades de serviços forem consideradas em uma dada estrutura urbana, as forças de demanda e oferta nesse setor respondem às necessidades de mercados nacionais e internacionais. As atividades de serviços, em suas formas mais sofisticadas, como serviços industriais, de profissionais liberais, financeiros e de formas superiores de entretenimento foram concentrados em grandes áreas metropolitanas. Porém o avanço nas comunicações e a integração econômica, em nível nacional e internacional, colocou algumas dúvidas sobre a correlação direta entre o tamanho da cidade e a importância local relativa dos serviços. As manufaturas e seus consultores estão se tornando mais independentes de uma localização definida (*footloose*) dentro dos confins dos mercados nacionais e, talvez, também com relação à economia mundial, como será analisado posteriormente.

Com tais antecedentes, muitas corporações transnacionais de serviços, tanto em países desenvolvidos como nos menos avançados, decidem seus investimentos externos diretos de acordo com a possibilidade de resposta às demandas por seus produtos. Um estudo da ONU²⁵ investigou empiricamente os determinantes desses investimentos externos diretos. As conclusões do estudo mostraram que, quando as firmas das indústrias de serviços investem no Exterior, suas motivações são semelhantes aos investidores das indústrias de manufaturas, ou seja, essas empresas

²⁴ Noyelle e Stanback (1988).

²⁵ Sauvart (1993).

querem operar em grandes mercados, populados por culturas não muito diversas das próprias, com um montante mínimo de restrições governamentais, para suprir firmas que são clientes preestabelecidos de seu país de origem. As firmas em indústrias oligopolistas tendem a ser particularmente ativas devido às barreiras à entrada que limitam a finalidade de livre entrada de outras firmas marginalmente lucrativas. Mas, ainda que as firmas de serviços sejam ligadas à localização espacial, a tecnologia está começando a mudar esse atributo.

O mercado nacional desenvolve serviços auxiliares às demais empresas e também serviços de consumo final. A melhoria nas comunicações ocasiona um efeito de demonstração que diversifica geograficamente esses serviços de consumo final, a partir da localização no centro urbano polarizado. O mercado para vários serviços, que eram necessários em grandes áreas urbanas, se difunde em resposta aos interesses dos consumidores e as ofertas dos mercados de serviços se expandem de uma forma não relacionada com a base econômica ou com as necessidades de um ambiente metropolitano.²⁶ Ao lado do fato de que esses serviços de consumo estão freqüentemente entre os componentes mais visíveis do setor terciário, eles, muitas vezes, também estão entre as atividades mais desfavorecidas de serviços, particularmente nos países menos desenvolvidos, no sentido de tamanho, falta de conhecimento operacional e uma menor relação capital/trabalho. A proliferação de tais serviços, através da economia mundial particularmente até os anos 70, fez surgir uma tendência para a identificação do desenvolvimento de serviços, tanto em nações avançadas quanto nas emergentes, com esse tipo de características. Estudos “*cross-section*” para vários países tenderam a explicar o papel dos serviços na economia nacional e mundial, mas muito pouca explicação foi obtida, particularmente porque as categorias de serviços devem ser desagregadas, de modo que possam ser identificadas as funções internacionais dos serviços. Recentemente, vários serviços ultrapassaram suas posições tradicionalmente subordinadas e locais dentro de

²⁶ McKee (1988), capítulo 2.

economias nacionais e esse fato leva à necessidade de uma observação mais detalhada sobre o papel dos serviços internacionais.

Como mencionado anteriormente, desde a década de 70, o ritmo de avanço de novos serviços se intensificou e os pesquisadores atribuem essa expansão no avanço dos países a uma série de fatores. Entre estes, como já visto, salientam-se os aumentos populacionais e os níveis de renda e também a urbanização, além do efeito demonstração mencionado. Ainda que alguns desses serviços não possam ser definidos como necessários, eles desfrutaram de uma expansão expressiva também nas economias menos desenvolvidas, como é possível observar-se a partir da Tabela 1. Mas é discutido se as categorias de serviços complementares ainda representam a força real do setor de serviços, pois as cifras de emprego, em escala global mundial, ainda parecem apoiar essa hipótese.

Como é possível inferir-se a partir da Tabela 1, embora a expansão dos serviços tenha sido observada inicialmente nas economias industrializadas de Renda Alta,²⁷ e tenha se difundido rapidamente para os países de Renda Média Alta, as taxas médias anuais de crescimento são relativamente (mas não em valores absolutos) menores nessas economias do que nos países de Renda Baixa e Renda Média Baixa. Isto é devido ao fato de que as estruturas produtivas nesses últimos países são relativamente menos representativas nos setores de serviços, o que implica que as taxas de crescimento são comparadas com um patamar inicial muito baixo e o impacto das mudanças é maior. Nesses países menos desenvolvidos, a produção industrial mostrou taxas de crescimento superiores, particularmente nos anos 90, e as taxas das atividades de serviços também foram consideráveis. Todavia, é observada a crescente importância da parcela da produção de serviços à medida que aumenta o nível de renda. Verifica-se que mesmo nos países de Renda Média Baixa, nos anos 90, essa representatividade é superior a 50% da produção total, e os chamados países industrializados apresentaram cerca de 64% em 1994.

²⁷ De acordo com a classificação do Banco Mundial.

Mas as transformações não foram apenas no montante de produto gerado. Em anos mais recentes, particularmente após a década de 80, a economia mundial caracterizou-se por mudanças substanciais também na natureza das atividades manufatureiras, e as demandas por produtos estão sendo atendidas por uma economia integrada mundialmente. O papel que os serviços podem estar desempenhando no processo de desenvolvimento das economias menos desenvolvidas é uma questão a ser ainda explorada. Especificamente, para verificar em que extensão as atividades de serviços nesses países podem influenciar a expansão do setor moderno e qual é o potencial do setor terciário com respeito à criação de oportunidades de emprego. A criação de empregos é um dos problemas mais prementes enfrentados pelas economias mundiais, particularmente nas nações mais atrasadas. Nessas nações, apenas cerca de 25% da população tem acesso ao setor moderno. Em tais circunstâncias, as oportunidades de ampliar o emprego podem surgir mais facilmente dos setores mais tradicionais. Fuchs já observava, em 1968, que a mudança dramática para os serviços era mais uma mudança no emprego do que no produto, um fenômeno que se tornou mais evidente no final da década de 70.

Tabela 1
Estrutura Produtiva - Distribuição Setorial do Produto e Crescimento (%)

Setores	Primário	Secundário	Serviços	PIB
Economias				
Baixa Renda				
Distribuição				
1970	47,0	19,0	34,0	100,0
1980	34,0	32,0	32,0	100,0
1994	28,0	34,0	36,0	100,0
Crescimento*				
1980-90	3,5	7,4	6,8	5,8
1990-94	2,8	11,0	5,2	6,2
Renda Média Baixa				
Distribuição				
1970	32,0	26,0	42,0	100,0
1980	18,0	40,0	42,0	100,0
1994	13,0	36,0	51,0	100,0
Crescimento*				
1980-90	3,4	6,9	7,0	6,1
1990-94	3,0	9,8	7,6	7,6
Renda Média Alta				
Distribuição				
1970	15,0	34	51,0	100,0
1980**	8,0	47	45,0	100,0
1994	8,0	37	55,0	100,0
Crescimento*				
1980-90	2,5	2,1	2,7	2,2
1990-94	0,9	2,6	4,4	3,4
Renda Alta				
Distribuição				
1970	4,0	40,0	56,0	100,0
1980**	5,0	36,0	59,0	100,0
1994	6,0	30,0	64,0	100,0
Crescimento*				
1980-90	2,3	3,2	3,2	3,2
1990-94**	1,1	1,6	1,5	1,7

FONTE: Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (*International Bank for Reconstruction and Development*), 1976, Banco Mundial; *World Development Report 1996*, Banco Mundial, 1996.

* Taxa média anual de crescimento.

** Média de países selecionados, elaboração da autora.

Tabela 2**Distribuição da Força de Trabalho****(%)**

Setores Economias	Primário	Secundário	Serviços
Baixa Renda			
1970	77	9	14
1980	73	13	14
1990	69	15	16
Renda Média Baixa			
1970	54	16	30
1980	41	26	33
1990	36	27	37
Renda Média Alta			
1970	38	23	39
1980	31	28	41
1990	21	27	52
Alta Renda			
1970	12	37	51
1980	7	35	58
1990	5	31	64

FONTE: Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (*International Bank for Reconstruction and Development*), Banco Mundial, 1976; *World Development Report 1996*, Banco Mundial, 1996.

No entanto, como podemos observar comparando o crescimento do produto gerado e a distribuição da força de trabalho desde os anos 70 (Tabelas 1 e 2), a reestruturação da força de trabalho entre os setores econômicos nas economias de todos os níveis de desenvolvimento seguiu a mesma tendência da distribuição do produto gerado, ou seja, resultou no crescimento da parcela do setor terciário e no decréscimo da parcela do setor secundário nos países mais desenvolvidos.

Mas essa forma de reestruturação teve diferentes dinâmicas nas diversas economias, dependendo do grau de modernização tecnológica nos processos produtivos e do correspondente nível de qualificação da força de trabalho. Nos países menos adiantados, o excedente de trabalho do setor agrícola, que emigrou para áreas urbanas, freqüentemente tinha baixa qualificação para oferecer e, mesmo quando o setor moderno de atividades se expandia, as taxas de absorção do trabalho nessas

atividades podiam ser modestas em relação às necessidades da oferta de trabalho.²⁸ Em uma economia urbana em expansão, supõe-se que as atividades de serviços que estão correlacionadas ao aumento da renda também se expandam. Como resultado, outras oportunidades de serviços voltados para o consumo direto também se expandem de acordo com os multiplicadores de emprego urbano. Essa expansão de oportunidades de emprego em serviços é considerada como um efeito, mais do que como uma causa da expansão urbana, o que quer dizer que são um sintoma mais do que a causa do desenvolvimento.

Nos mercados de trabalho urbanos dos países em desenvolvimento, a absorção de mão-de-obra não tem sido capaz que acompanhar o fluxo contínuo de pessoas que aumenta a oferta de trabalhadores. Desde que os salários no setor moderno são inflexíveis para baixo, o fluxo de imigrantes continua, fundamentado em expectativas não razoáveis de emprego e os novos entrantes ao mercado de trabalho urbano, na maior parte das vezes, não comportam as qualificações para o emprego nos setores mais dinâmicos da economia,²⁹ como já visto; assim, à medida que o excedente de imigrantes se dirige às atividades menos modernas, os salários médios são deprimidos e essas economias enfrentam um problema contínuo e crescente de excedente de mão-de-obra e de baixa remuneração.

Como as oportunidades de emprego no setor moderno são mais difíceis, muitos dos novos imigrantes devem trabalhar em atividades do setor denominado informal, em condições de sobrevivência.³⁰ Esses trabalhadores são empregados em circunstâncias que negam as vantagens de um contrato salarial formal. O fluxo contínuo de novos entrantes nesse setor informal - devido não apenas ao excedente de trabalho no setor agrícola, mas, recentemente, também ao excedente no setor manufatureiro - mantém os ganhos naquele setor próximos à subsistência para a maior parte dos trabalhadores. Todavia, com o crescimento da economia global, a reestruturação

²⁸ Kon (1979), capítulo 1.

²⁹ Kon (1992 e 1995).

³⁰ Cacciamali (1983); Chully (1992).

produtiva e a terceirização que vem ocorrendo nas grandes empresas oligopolistas, muitos trabalhadores, que se ocupavam nas indústrias manufatureiras, dispensados de seus empregos nessas firmas, tentam trabalhar por conta própria como autônomos; além disso, são encontrados também empresários no setor informal, alguns dos quais mostrando progresso econômico.

Mas as oportunidades, para esses empresários, de crescimento através de capitalização são limitadas devido à crescente competição, bem como à natureza de seus empreendimentos.³¹ Ainda que exista um certo inter-relacionamento entre os mercados do setor informal e do setor moderno, e parte dessa produção informal seja vendida para empresas formais, o crescimento de muitas empresas informais é restringido porque sua oferta não seria comercializável além dos limites de certos distritos menos privilegiados. Uma parte considerável dessas atividades informais é dirigida para os serviços e alguns membros dessa força de trabalho desempenham atividades “invisíveis” ou subterrâneas *underground*. Assim, em países menos avançados, a capacidade de absorção do setor informal de serviços é muito menos uma função da capitalização do setor do que da capacidade da área urbana de fornecer subsistência a trabalhadores de serviços domésticos.

Dessa forma, se o processo de desenvolvimento, nesses países menos avançados, é estimulado pelo setor de serviços, o resultado do mecanismo propulsor do processo de crescimento deve ser consequência das atividades modernas formais, e não das oportunidades de serviços menos qualificados. E, além disso, nesse processo, as oportunidades de serviços são relacionadas exclusivamente aos propósitos das manufaturas, mas têm sua própria dinâmica de crescimento.

Como salienta McKee,³² uma das funções das atividades de serviços nas economias nacionais, além de sua localização urbana, é o fato de que elas têm sido reconhecidas como facilitadoras ou reforçadoras do impacto sobre os pólos de

³¹ Kon (1995), capítulo 3.

³² McKee (1988).

crescimento, ou seja, sobre as atividades que lideraram tanto de forma quantitativa quanto qualitativa a determinação dos padrões de expansão em nível nacional. A capacidade dos serviços de desempenhar função semelhante no processo de desenvolvimento depende da espécie de atividades dos pólos, de seu tamanho, de sua força e de sua dominância local, regional, nacional ou internacional.³³

Além disso, as atividades de serviços desempenham um papel importante no setor manufatureiro porque fortalecem e prolongam o impacto dos setores líderes, enquanto facilitam a transição quando novos setores manufatureiros assumem os papéis de líderes. Essas mudanças na liderança vêm ocorrendo entre as atividades manufatureiras de economias avançadas, e as repercussões vêm sendo sentidas através da economia global mundial. Por outro lado, foi observado, desde os anos 80, que tais mudanças conduzem à realocação das instalações produtivas para países em desenvolvimento, onde os custos do trabalho e as restrições ambientais eram mais favoráveis às indústrias tradicionalmente poderosas, particularmente quando essas atividades perdiam suas posições proeminentes nas economias adiantadas, mas seus produtos ainda eram fortemente demandados em uma escala mundial. Porém, após a intensificação da globalização das economias, principalmente desde os finais dos anos 80, essas indústrias apresentam maiores vantagens de realocar suas atividades em economias modernas, onde são encontrados força de trabalho mais qualificada e outros serviços complementares sofisticados. Em muitos casos, as firmas de serviços tornam-se multinacionais e transnacionais, e os países hospedeiros menos desenvolvidos apresentam benefícios porque um número de serviços auxiliares às empresas fornece elos que tornam possível a existência de muitas instalações manufatureiras.

No âmbito doméstico das economias, as mudanças locacionais refletem o crescente dualismo da força de trabalho, desde que os investimentos nas manufaturas se moveram, seja para áreas onde são disponíveis os escassos trabalhadores mais qualificados administrativos e burocratas (*white-collar*) ou para áreas de baixos

³³ Perroux (1970).

salários e alto desemprego, onde pode ser recrutada uma força de trabalho semiqualficada para desempenhar, principalmente, atividades rotineiras da produção em plantas das filiais.³⁴

Na maior parte dos países em desenvolvimento, tais serviços podem aumentar a dependência da economia mundial e dos interesses externos das empresas, mas o impacto que exercem sobre as unidades de produção, sobre a expansão econômica e sobre a absorção de trabalhadores pode ser considerável. Além disso, o efeito seria mais forte se as economias menos avançadas pudessem desenvolver seus próprios serviços complementares necessários e sua capacidade de realizar isso dependerá do tamanho de seus mercados domésticos, da disponibilidade de trabalho qualificado apropriado ou da capacidade de desenvolvê-los.

Como é possível inferir-se a partir da Tabela 3, é observado que aos diversos níveis de desenvolvimento econômico das economias são condições associadas específicas de composição da estrutura ocupacional, o que é resultado das características das respectivas estruturas produtivas, sejam mais especializadas no setor agrícola ou nos setores urbanos, e também de acordo com diferentes graus de progresso tecnológico nos processos produtivos. Nesse sentido, se os países de baixa renda são mais especializados no setor primário, como visto nas Tabelas 1 e 2, a representatividade das atividades de serviços cresce à medida que aumentam os processos de industrialização. É também verificado na Tabela 3 que o percentual de trabalhadores em categorias ocupacionais mais qualificadas de funções profissionais, técnicas e gerenciais é também mais elevado nos países com rendas *per capita* superiores, embora as reformulações (*downsizing*) nas estruturas organizacionais, desde a década de 80, com o intuito de enfrentar os custos crescentes, tenham diminuído as taxas de crescimento dessas categorias de ocupações. Por outro lado, os dados também mostram uma maior percentagem de outras categorias ocupacionais de serviços conforme o crescimento da renda até os anos 90, ou seja, de cerca de 21%

³⁴ Marshall (1988).

nos países de Renda Baixa, 25,5% para os de Renda Média Baixa, 37% para Renda Média Alta e 49% para os de Renda Alta.

Com relação à mencionada reestruturação setorial, quando se observam as diferenças de representatividade das categorias ocupacionais entre os períodos de 1970 e 1990, o decréscimo mais importante e muito significativo é encontrado nas ocupações de agricultura e rurais, para todos os países de vários níveis de desenvolvimento (devido à modernização dos processos produtivos ou à capitalização como já observado), o que é contrabalançado por aumentos inferiores nas demais categorias. Além disso, o aumento nas ocupações de serviços é ainda maior do que nas ocupações ditas industriais (do setor secundário) e de transportes, e nos países de Renda Alta, a representatividade desse grupo também decresceu (confirmando os resultados das Tabelas 1 e 2), revelando os impactos ocorridos sobre a estrutura ocupacional como resultado da reestruturação industrial, terceirização de atividades de serviços e mudança na classificação de certos serviços (que eram anteriormente considerados como categorias industriais antes que as mudanças tecnológicas e organizacionais ocorressem).

Tabela 3
Estrutura Ocupacional*

Categorias\Economias** ocupacion. Período***			(%)			
	RB	RMB	RMA	RA		
Profissionais e técnicas	1970	2,1	4,8	5,9	12,1	
	1990	4,0	5,1	6,6	15,1	
Gerenciais	1970	0,2	1,2	1,1	6,4	
	1990	0,7	1,0	2,3	8,5	
Administrativas e similares	1970	1,3	3,8	7,4	15,4	
	1990	2,6	5,7	7,6	15,6	
Comércio	1970	5,4	7,1	7,5	10,5	
	1990	9,7	11,9	11,4	12,2	
Serviços****	1970	4,5	8,2	12,9	11,1	
	1990	8,2	6,9	12,3	12,7	
Agricultura e rurais	1970	73,6	56,8	37,2	7,0	
	1990	53,7	40,8	30,1	5,0	
Industriais e transportes	1970	12,4	16,2	25,7	32,6	
	1990	19,0	25,4	28,4	29,7	

Fonte dos dados brutos: *Yearbook of Labour Statistics. Retrospective Edition on Population Censuses, 1945-89*, ILO Geneve, 1990 e 1994.
Elaboração da autora.

*Composição média de países selecionados.

** RB = Renda Baixa; RMB = Renda Média Baixa; RMA= Renda Média Alta; RA= Renda Alta.

*** 1970 = Década 70-80; 1990 = 1990-93.

**** Inclui trabalhadores não-classificáveis por ocupação.

Embora muitos países em desenvolvimento tenham mais do que 50% de sua população economicamente ativa em atividades de serviços, o papel positivo dos serviços no processo de desenvolvimento ainda é discutido. Alguns pesquisadores acreditam que apenas se forem abertas oportunidades de emprego nos setores modernos e os salários médios se elevarem, à medida que a renda cresce e o mercado interno é encorajado, novas atividades modernas de serviços serão introduzidas internamente, o que dará início à criação das inter-relações usufruídas pelas economias das nações desenvolvidas.

Por outro lado, como já visto, os papéis dos serviços e das atividades secundárias na economia estão se tornando crescentemente interdependentes, o que quer dizer que o relacionamento tradicional entre as manufaturas e os serviços, em que as primeiras demandam insumos e os segundos os fornecem, não mais se mantêm para uma parte importante dos dois setores. Em certas indústrias manufatureiras, a divisão entre a produção e os serviços é difícil de ser estabelecida. Por exemplo, na manufatura que utiliza equipamentos de processamento de dados, os insumos de serviços (*software*) são necessários para tornar operacional o processo produtivo e também têm uma grande influência sobre o sucesso do produto no mercado. Marshall (1988:4) nos mostra outro exemplo, na produção de jornais, onde o componente de serviços de propaganda tornou-se a maior fonte de renda e o produto tem que competir com outros meios de divulgação (mídia), tais como televisão e rádio. A competição surge entre as firmas de produção e de serviços, à medida que a diversificação e o consumo permitem a penetração em mercados tradicionalmente pertencentes às demais áreas. Além disso, algumas atividades mais sofisticadas de serviços, tais como transportes, serviços de distribuição de bens e financeiros, estão se tornando crescentemente capital-intensivas, como as indústrias produtoras de bens.

3. A DINÂMICA DA REESTRUTURAÇÃO ECONÔMICA

O crescimento do setor de serviços e suas implicações sobre a reestruturação das economias, como visto, apresentam diferentes impactos sobre as estruturas produtivas, de acordo com o nível de desenvolvimento econômico das economias e a capacidade de aumentar os investimentos na modernização tecnológica e na qualificação da força de trabalho, a fim de enfrentar as necessidades de novas tarefas técnicas dos processos modernos de produção e organizacionais. Como salientado anteriormente, as estruturas produtivas têm se transformado rapidamente nos países desenvolvidos desde a crescente industrialização a partir da década de 30, com o crescimento do processo de urbanização e com a intensificação da inovação tecnológica. Algumas economias menos desenvolvidas iniciaram as

mesmas transformações estruturais a partir dos anos 50 e outras apenas recentemente começaram esse processo, como se verificou a partir dos dados empíricos.

Algumas pesquisas mostram a reestruturação do setor de serviços como fundamentada na divisão espacial de trabalho que afeta o número e as características dos empregos encontrados em diferentes locais.³⁵ Essa divisão de trabalho se refere ao padrão de especialização de trabalho na produção, desenvolvido através do tempo para assegurar o uso eficiente do investimento em capital. Distintos países e regiões de um país são especializados em produtos e setores particulares, que apóiam as formas locais dominantes de relação capital/trabalho, qualificação da mão-de-obra e padrões sociais e comunitários.³⁶

Durante as décadas de 50 e 60, a crescente dominância das grandes firmas manufatureiras nos países desenvolvidos moldou os padrões da especialização industrial regional. Na busca de metas de lucro, essas firmas distribuíram recursos em uma escala inter-regional ou internacional, procurando novas oportunidades de explorar o trabalho em diferentes locais. Puderam transferir não apenas a produção para localizações onde o trabalho era mais barato, mas também tiveram a tendência de separar vários tipos de trabalhos administrativo e burocrático (inclusive funções de controle e de pesquisa), dos trabalhos manuais da produção. O pano de fundo desta tendência foi a possibilidade de especialização flexível, que se desenvolveu para enfrentar a persistente crise econômica que sucedeu o longo *boom* da economia mundial do período posterior à Segunda Guerra Mundial. Durante esse período, o gerenciamento tendia a utilizar o progresso técnico para organizar o processo de trabalho de uma maneira fortemente hierarquizada e para substituir o trabalho humano, tanto quanto possível, pela maquinaria, segundo o paradigma da produção de massa e bens padronizados (Fordismo), o que foi muito bem explicado por autores como Gramsci, Aglietta, Lipietz e Luscher. Sob esse sistema,

³⁵ Marshall e Wood (1995), pág. 59.

³⁶ Kon (1995), capítulo 1.

caracterizaram-se o crescimento das cidades e a crescente diferenciação entre as áreas de trabalho, lazer e as atividades domésticas. As empresas foram organizadas de uma forma fortemente hierarquizada com uma massa de trabalhadores não-qualificados na parte inferior da hierarquia. O progresso técnico estava ligado aos processos sistemáticos de desqualificação de grandes categorias de ocupações.³⁷

Porém, nos finais da década de 60, o Fordismo apresentou uma série de dificuldades e muitas firmas tiveram que entender que a produtividade estava crescendo consideravelmente mais lentamente do que os custos salariais, não apenas nas grandes empresas manufatureiras, mas também em toda a estrutura hierárquica empresarial. Enquanto isso, novas tecnologias da informação abriram importantes possibilidades. As redes de filiais espacialmente distribuídas podiam ser coordenadas mais efetivamente e as atividades de serviços podiam ser reformuladas pela introdução da maquinaria eletrônica, dos sistemas de automação flexível na manufatura que combinaram pesada mecanização com a produção em pequenos lotes.

Dessa forma, durante os anos 70 e particularmente na década de 80, uma nova espécie de reestruturação e de divisão internacional do trabalho se desenvolveu, devido às mudanças tecnológicas baseadas nas formas flexíveis de organização do trabalho e dos processos produtivos, que necessitavam de uma mão-de-obra mais qualificada, tendo em vista que o trabalho mais barato e menos qualificado não mais mostrava vantagens comparativas. Nesse sentido, o movimento de internacionalização do capital, no caminho de investimentos na produção, começou a procurar economias que oferecessem serviços especializados mais sofisticados. Como resultado, a maior parte dos países desenvolvidos e em desenvolvimento está passando por transformações consideráveis na estrutura produtiva de suas

³⁷ Braverman (1974).

economias, de acordo com a capacidade de oferecer a esses novos investimentos a infra-estrutura básica para o apoio dessas transformações.³⁸

O emprego nas indústrias manufatureiras está declinando principalmente devido a certas formas de reorganização da produção que afetam os níveis de emprego: a intensificação do trabalho, a racionalização da produção e do investimento e a mudança técnica; a reestruturação foi estendida também aos serviços de consumo privado e ao setor de serviços públicos, adicionalmente aos serviços voltados ao produtor.³⁹

Quando se examinam as diferenças na representatividade das categorias ocupacionais entre os períodos da década de 70 e 90, é observado, para todos os países de diferentes níveis de renda, um decréscimo nas ocupações rurais da agricultura e um aumento nas outras categorias. Além disso, o aumento nas ocupações de serviços é ainda superior ao das categorias de ocupações industriais e de transportes, e em países de alta renda, a representatividade dessas categorias tem decrescido, mostrando os resultados da reestruturação industrial e da terceirização de serviços, bem como a mudança na classificação de certos serviços, anteriormente considerados como ocupações manufatureiras, antes das mudanças tecnológicas e organizacionais.

Dessa forma, o desenvolvimento dos serviços deve ser entendido como um componente de um processo mais amplo de reestruturação econômica e social, que é moldado pelas demandas de produção rentável em economias de mercado. Embora as produções de bens e serviços sejam mutuamente interdependentes, os serviços desempenham, freqüentemente, um papel mais proeminente nessa reestruturação, porque têm um papel liderante na criação de uma transformação mais ampla ao fornecer o conhecimento especializado chave e a conseqüente tendência do

³⁸ Kon (1995 e 1996a).

³⁹ Massey e Meegan (1982); Massey (1984); Marshall e Wood (1995), pág. 60.

crescimento dos serviços de criar padrões inerentemente desiguais de desenvolvimento.⁴⁰

Tabela 4
Estrutura Ocupacional - Países selecionados

	Categories ocupacionais*	Profis. e Técnicas	Gerenc.	Administ.	Comércio	Serviços	Agric. e Rurais	Indust. e Transportes
Economias								
Renda Baixa								
Egito	1976	7,5	1,1	7,3	6,5	10,4	42,0	21,4
	1993	12,6	1,1	7,1	6,9	7,1	34,2	24,9
Gana	1970	3,9	0,4	2,8	13,1	2,9	57,4	19,6
	1980	4,1	0,3	2,4	13,8	2,4	60,6	16,4
Libéria	1974	3,5	0,3	2,5	3,2	7,9	70,2	12,5
	1984	4,0	0,6	1,6	6,7	7,2	70,1	9,7
Bangladesh	1974	1,8	0,2	1,0	4,6	3,3	77,2	10,9
	1981	2,5	0,7	2,4	10,8	8,6	58,7	16,3
Renda Média Baixa								
Costa Rica	1973	8,3	1,8	6,0	8,1	14,3	36,7	24,9
	1984	5,3	1,3	5,3	7,6	15,0	47,1	18,9
Equador	1974	5,3	1,0	3,8	8,0	12,4	46,7	22,8
	1982	8,1	0,5	5,8	9,2	15,0	34,7	26,6
Marrocos	1971	4,0	0,2	2,8	5,6	16,8	51,4	19,1
	1982	5,4	0,2	4,0	7,6	14,6	39,7	28,5
Filipinas	1976	6,6	0,7	4,7	7,1	11,0	49,2	20,6
	1993	5,2	1,2	3,9	12,2	7,9	41,4	19,1
Renda Média Alta								
Brasil	1980	6,6	2,6	9,6	7,7	19,5	28,6	20,7
	1993	7,5	4,6	10,4	10,7	22,1	21,1	19,6
Chile	1970	5,6	1,7	8,6	7,1	24,2	20,7	32,0
	1993	8,3	3,4	13,9	11,9	13,2	16,3	32,4
Grécia	1981	9,6	1,8	9,7	8,7	9,5	28,2	32,4
	1992	16,2	0,7	16,9	13,0	13,7	24,8	14,8
Rep. da Coréia	1980	4,3	1,0	8,9	11,3	6,6	35,1	26,3
	1993	2,7	4,5	7,5	12,2	20,4	13,4	37,0
México	1980	7,3	1,1	9,1	7,3	22,8	25,1	25,6

⁴⁰ Marshall e Wood, (1995), pág. 70.

Malásia	1993	8,9	1,7	7,9	14,8	11,4	26,4	26,5
	1980	6,5	0,9	7,5	8,8	8,1	30,9	30,6
Turquia	1993	7,8	2,2	9,8	11,4	11,4	26,2	31,3
	1980	4,5	0,9	3,5	4,3	5,1	59,7	22,0
Uruguai	1985	4,3	0,8	3,6	4,8	5,4	58,7	21,8
	1975	7,6	1,3	11,3	10,0	23,1	16,4	30,2
	1992	10,7	3,7	14,9	13,2	13,7	4,9	33,8

(continuação)

Economias	\Categorias ocupacionais*	Profis. e Técnicas	Gerenc.	Administ.	Comércio	Serviços	Agric. e Rurais	Indust. e Transportes
Renda Alta								
Austrália	1981	12,8	5,0	16,1	8,0	13,6	6,0	31,5
	1991	10,7	11,1	6,0	11,9	19,3	12,2	17,2
Canadá	1980	15,5	5,0	18,2	9,3	16,9	5,1	27,2
	1993	17,9	12,8	15,4	9,6	14,5	4,9	24,5
Itália	1971	7,7	0,7	11,2	9,2	9,4	17,4	44,4
	1981	13,5	1,2	12,4	11,7	7,8	11,3	42,2
Japão	1980	8,4	4,6	16,1	14,2	8,2	10,6	35,6
	1993	11,9	3,8	19,1	14,7	9,5	5,9	35,2
Holanda	1971	13,5	2,3	15,7	10,6	15,5	6,3	36,0
	1981	19,9	2,7	19,0	10,5	12,6	5,5	29,9
Cingapura	1980	8,5	4,7	15,0	11,8	15,6	1,9	39,0
	1993	10,3	6,0	14,0	14,7	17,4	0,1	37,0
Suécia	1980	26,1	2,5	14,2	8,1	13,6	5,6	29,5
	1993	31,4	8,2	15,3	9,0	9,4	3,2	23,6
Estados Unidos	1980	14,1	9,6	15,9	9,2	11,9	2,7	28,7
	1993	16,6	12,3	15,1	11,7	14,9	2,8	25,8

Fonte dos dados primários: *Yearbook of Labour Statistics. Retrospective Edition on Population Censuses, 1945-89*, ILO, Geneve, 1990 e 1994; Kon, 1995 (para o Brasil). Elaboração da autora.

Em resumo, é possível apontar as mudanças significativas pelas quais passaram as economias avançadas nos anos recentes, incluindo, entre outros aspectos: a) a internacionalização das atividades econômicas; b) a reorganização das firmas dominantes; c) a crescente integração da produção manufatureira com a de serviços; d) o uso crescente da tecnologia microeletrônica; e) a demanda crescente na indústria por uma força de trabalho mais qualificada, porém com muitos trabalhos rotineiros sendo eliminados pela mudança tecnológica; f) a crescente complexidade e volatilidade do consumo; g) uma mudança no papel da intervenção

governamental. Essas transformações foram interpretadas como uma modificação da sociedade fordista, baseada na produção e no consumo de massa em grande escala, apoiada pela demanda dos gastos governamentais para o gerenciamento de suas funções e para a Previdência e Saúde (principalmente nas nações mais avançadas nas quais prevalecia o *welfare state*). Como visto, as formas pós-fordistas de produção emergiram desde os anos 70, quando a indústria passou a utilizar nova tecnologia e uma força de trabalho mais flexível para responder mais rapidamente às mudanças do mercado e à competição internacional, encorajadas por novas formas de governo que se retirava de funções empresariais e restringia suas funções produtivas.⁴¹

Porém, se essas mudanças ocorrem mais rapidamente nos países mais avançados, observa-se também uma dinâmica similar de reestruturação em outros países de renda média e baixa, no sentido do crescimento de ocupações de serviços, embora com velocidade e intensidade menores, como é possível inferir-se a partir da Tabela 4 para algumas economias selecionadas. Para cada nível de desenvolvimento econômico é encontrado um padrão similar de estruturação ocupacional e de reestruturação durante um período de tempo relacionado com a industrialização e a modernização tecnológica. Os dados estatísticos para os países selecionados mostram ainda que, de uma maneira geral, os padrões de reestruturação verificados no início do desenvolvimento estão relacionados ao crescimento tanto do setor secundário quanto de serviços, à medida do decréscimo das ocupações rurais. Porém no níveis mais elevados o aumento é observado apenas nas ocupações de serviços, enquanto as manufatureiras também decrescem, como visto anteriormente.

Marshall e Wood enfatizam que a crescente proeminência dos serviços e suas contribuições relevantes e multifacetadas para a mudança estrutural têm como origem: a) a importância da crescente interdependência entre a produção de bens e serviços, como já visto, pelo fato de que qualquer produto, material ou de serviço é criado por uma seqüência complexa de trocas de materiais e de serviços que envolve

⁴¹ Marshall e Wood (1995); Kon (1996a).

fornecedores e consumidores, incluindo subcontratados e consultores; b) o valor da especialização em serviços no capitalismo dos finais do século XX, que contribuiu para a manipulação de matérias-primas, informação, capital e trabalho, em qualquer atividade de produção ou consumo. Interpretar o mundo tornou-se uma tarefa mais complexa, a produção de bens e serviços tornou-se mais capital-intensiva e o papel desses serviços especializados então se intensificou; c) a maneira pela qual as qualificações e especializações para atividades de serviços que estão presentes na força de trabalho influenciam significativamente os padrões locais. A complexidade e diversidade da moderna especialização em serviços encorajam a aglomeração, ao menos das funções de alto nível; as funções mais rotineiras podem ser mais dispersadas, embora controladas de forma centralizada. Essas tendências têm dominado a evolução das regiões urbanas nos anos mais recentes e também influenciam os padrões da localização manufatureira, enquanto a especialização em serviços oferece não apenas um conhecimento técnico e material para os processos produtivos em constante transformação, mas também para qualificações organizacionais ou gerenciais⁴²; d) a forma pela qual as mudanças técnicas criam novas oportunidades para a exploração da especialização em serviços.

Por sua vez, uma pesquisa que examinou dois países desenvolvidos como os Estados Unidos e Inglaterra⁴³ salienta que os gastos em capital dessas economias se deslocaram recentemente das construções civis para equipamentos, especialmente para a tecnologia baseada na microeletrônica, refletindo um “ciclo de produto reverso” na produção de serviços, ou seja, a introdução do computador que conduziu inicialmente a melhorias na eficiência da produção dos serviços, em seguida, a melhorias na qualidade dos serviços e, finalmente, a uma série de novos serviços, como pode ser visualizado no Quadro 1.

⁴² Kon (1994), capítulo 9.

⁴³ Barras (1986).

Quadro 1 - A visão de Barra sobre o ciclo reverso de produto nos serviços.

	1. Melhoria da eficiência	2. Melhoria da qualidade	3. Novos serviços
Estágios do ciclo			
Período:	1970s	1980s	1990s
Tecnologia de informática	<i>Mainframes</i>	Sistemas <i>on-line</i>	Redes minis e micros
Aplicações setoriais			
Seguros	Arquivos computadorizados	Política de cotações <i>on-line</i>	Serviços completos <i>on-line</i>
Assessoria	Balanços computadorizados	Gerenciamento informatizado da contabilidade; distribuição departamental de serviços (p. ex. de habitações).	Auditoria e contabilidade completamente automatizadas; serviços de informação pública (p. ex. de videotextos).
Governo local	Sistemas financeiros de tipo corporativo (p. ex. folha de pagamento).		

Fonte: Miles (1993).

Como salientado por Miles, as tecnologias da informação e das comunicações têm conduzido à industrialização dos serviços, à inovação organizacional e a novas formas de comercialização dos serviços, no que se refere aos relacionamentos entre produtor e consumidor, como, por exemplo, nas atividades bancárias, de venda e turísticas via telefone. Resumindo as principais características dos serviços e da inovação técnica como exemplos da dinâmica da reestruturação dos serviços, é

possível observar alguns aspectos relacionados às transformações na produção dos serviços, no produto, no consumo e nos mercados.⁴⁴

Com relação à produção de serviços, distinguem-se aspectos relacionados a:

a) *tecnologia e planta* - serviços anteriormente operacionalizados através de volumosos investimentos em edifícios, com a inovação técnica, passam a reduzir esses custos pelo uso de tele-serviços ou números de telefone com tarifa gratuita;

b) *trabalho* - serviços anteriormente altamente profissionalizados (requerendo principalmente pessoal especializado em relações interpessoais), bem como outros serviços relativamente não-qualificados que envolvem trabalho casual ou em período parcial, transformaram-se em serviços com dependência reduzida nas qualificações caras e escassas da mão-de-obra, através do uso de sistemas especializados e inovações relacionadas; observa-se a realocação das operações-chave para áreas de baixos custos do trabalho (com a utilização de telecomunicações para manter a coordenação);

c) *organização do processo de trabalho* - a força de trabalho anteriormente envolvida na produção artesanal, com limitado controle gerencial sobre os detalhes do trabalho, é gradualmente substituída pela utilização da Tecnologia da Informação (TI) para monitorar a força de trabalho (por exemplo, taquímetros e meios móveis de comunicações para o pessoal de transportes), visando favorecer as estruturas organizacionais, com dados dos trabalhadores de campo e de escritórios introduzidos diretamente em bases de dados e daí nos sistemas de informações gerenciais;

d) *características da produção* - a produção anteriormente não-contínua com limitadas economias de escala, passa a ser produção padronizada (por exemplo,

⁴⁴ Miles (1993); Pinch (1989); Baumol (1986); Normann (1991); Nusbaumer (1987).

cadeias de *fast-food*), reorganizada de maneira mais conjunta entre suas unidades, com componentes padronizados e alta divisão do trabalho;

e) *organização da indústria de serviços* - certos serviços públicos anteriormente produzidos pelo governo e outros freqüentemente em pequena escala com elevada preponderância de firmas familiares e autônomos passam por formas diferentes de organização. Serviços públicos a serem terceirizados ou privatizados pelo governo e outros utilizam a combinação de pequenas firmas, utilizando tecnologias de redes, com sistemas gerenciais baseados na TI.

No que diz respeito ao produto dos serviços, observa-se:

a) *a natureza do produto* - produtos com característica não-material, freqüentemente intensivos em informação, difíceis de transportar e estocar e que acarretam dificuldades para a distinção entre processo e produto passam a adicionar componentes materiais (por exemplo, cartões de associação do cliente). Utilizam-se da telemática para as encomendas, reservas e, se possível, entrega;

b) *as características do produto* - produtos adaptados às requisições do consumidor passam a utilizar os meios de comunicação eletrônica de dados para o insumo remoto dos detalhes sobre as demandas dos clientes. Em geral, é empregada a utilização de *softwares* pelo cliente ou pelo fornecedor do serviço para arquivar as requisições dos clientes e adequar o produto de serviços.

O consumo dos serviços apresentou transformações consideráveis, como:

a) *entrega do produto* - serviços em que a produção e o consumo são simultâneos no tempo e no espaço, e, freqüentemente, o cliente ou o fornecedor deve se mover para encontrar a outra parte, passam a ser entregues via telemática ou através de máquinas e outros serviços de informação equivalentes;

b) *papel do consumidor* - serviços que são “intensivos em consumidor”, ou seja, que requerem insumos do consumidor no processo de planejamento e/ou produção, transformam-se pela utilização de menus padronizados para uso do consumidor, com novos modos de entrega das encomendas (fax, etc.);

c) *organização do consumo* - serviços que apresentam dificuldade da separação da produção do consumo, bem como auto-serviços (*self-services*) em economias formais e informais, passam a apresentar uso crescente de auto-serviço, com a utilização de tecnologias inovadas existentes de bens de consumo final ou intermediário (por exemplo, telefones, PCs e interfaces de *software* de uso difundido).

Os mercados de serviços sofreram também alterações radicais com a inovação tecnológica:

a) *organização de mercados* - alguns serviços entregues através da provisão pública burocrática, bem como certos custos que estão ligados de forma invisível aos bens (por exemplo, no setor de varejo) desenvolveram novas formas de pagamento (a chamada sociedade de pagamento pelo serviço ou *per pay society*), novos sistemas de reservas, maior volatilidade na formação de preços através da utilização de sistemas com características de pontos de vendas eletrônicos e sistemas afins;

b) *regulação* - a regulação profissional comum em certos serviços passa a utilizar bases de dados através de instituições reguladoras e fornecedores de serviços, a fim de fornecer e analisar indicadores de desempenho e diagnósticos da situação;

c) *marketing* - a dificuldade de demonstração de certos produtos com antecedência é contrabalançada por garantias ou substituída por pacotes de demonstração (por exemplo, *softwares* de demonstração e períodos de uso experimental).

No entanto, essas características não se aplicam igualmente nos setores públicos e privados de serviços, devido à natureza específica dos serviços públicos, por um lado, e, por outro, aos objetivos diversos de lucro ou de função social, como veremos em seqüência.

4. REESTRUTURAÇÃO DE SERVIÇOS PÚBLICOS E PRIVADOS

Como visto, a natureza específica social dos serviços públicos e o caráter de busca de lucratividade dos serviços privados resultam em transformações diferenciadas por esses setores com relação ao fornecimento de serviços, tanto em países avançados como nos menos desenvolvidos. Alguns exemplos da forma pela qual a introdução da inovação tecnológica é conduzida de modo diverso entre os setores, para um mesmo objetivo de modernização, podem ser resumidos e exemplificados abaixo, com relação:

a) *à autoprovisão parcial* - o setor privado apresenta auto-serviços no varejo, substituição de serviços por bens, vídeos, fornos microondas, etc.; por sua vez, no setor público, esse fator é utilizado através de sistemas de cuidados de crianças e de idosos nas residências, utilização de equipamentos anti-roubo, patrulhas de vigilantes;

b) *à intensificação* - aumentos na produtividade do trabalho através de mudanças gerenciais e organizacionais com pouco ou nenhum investimento ou maior perda de capacidade repercutem no setor privado pela pressão para o aumento da rotatividade dos empregados no varejo e, no setor público, pela busca da eficiência nos serviços de saúde, pressão competitiva sobre operações diretas de trabalho, coleta de lixo, bem como número crescente de graduados por universidade;

c) *ao investimento e à mudança técnica* - investimentos em capital em novas formas de produção, freqüentemente com considerável perda de empregos, se manifestam no setor privado pelo desenvolvimento do escritório eletrônico nos serviços gerenciais e voltados às empresas. Por sua vez, no setor público se apresentam na informatização de serviços de arquivos da saúde e da previdência, nos equipamentos eletrônicos de diagnóstico dos serviços de saúde, nos sistemas de aprendizado à distância através de vídeos, de telecomunicações e de computadores, nos veículos de coleta de lixo maiores e outros equipamentos mais modernos e eficientes para serviços públicos;

d) *à racionalização* - diminuição da capacidade instalada, com pouco ou nenhum investimento em nova tecnologia, pode ser exemplificada, no setor privado, pelo fechamento de cinemas, e, no público, pelo fechamento de escolas, hospitais, creches para menores de 5 anos, etc., bem como o cancelamento ou a redução em sistemas de transportes públicos;

e) *à subcontratação* - de partes dos serviços de empresas especializadas, especialmente de produtos auxiliares às empresas, repercutiu no setor privado pelo crescimento de serviços privados de produtores de atividades gerenciais, enquanto, no setor público, são representados pela privatização e contratação ou terceirização de serviços de limpeza, lavanderia e outros;

f) *à substituição do insumo/trabalho existente* - por trabalho em tempo parcial, feminino ou de outra raça (que em determinados países apresenta economias nas remunerações), no setor privado foi representado principalmente pelo crescimento do trabalho feminino em tempo parcial no comércio de varejo e na área pública, pelo domínio de mulheres na profissão de ensino e pelo elevado uso de professores em tempo parcial;

g) *à intensificação da qualidade* - através de elevação do insumo/trabalho, melhor qualificação, crescente treinamento apresenta-se no setor privado em alguns dos

serviços de bens de consumo final, enquanto, no setor público, é introduzida pelo treinamento da mão-de-obra em vários setores administrativos e técnicos;

h) *à materialização* - das funções de serviços de modo que o serviço tome a forma de um produto material que pode ser comprado, vendido e transportado é operacionalizada pelo setor privado particularmente na área de entretenimento por meio de vídeos e televisões em vez de cinemas ou esportes, enquanto, na área pública, se manifesta mais na prática de utilização de produtos farmacêuticos para substituir terapia ou aconselhamento, por exemplo.

i) *à realocação espacial* - é observada pelo movimento de escritórios do setor privado, de áreas metropolitanas ou centrais para áreas periféricas que apresentam menores aluguéis e no setor público pela realocação de serviços em grandes hospitais para atendimento descentralizado baseado em unidades menores, pela realocação de escritórios administrativos dos centros urbanos para reduzir os valores dos aluguéis e dos custos do trabalho;

j) *à domesticação* - a realocação parcial da provisão das funções, a partir de formas de trabalho doméstico ou familiar, pode ser observada, no setor privado, pela substituição de serviços de lavanderias, doceiras e outros por atividades domésticas simplificadas por equipamentos eletrodomésticos mais eficientes e baratos, enquanto, no setor público, alguns serviços de cuidado de crianças e idosos, por exemplo, passam a ser efetuados nas próprias residências, após redução de serviços públicos devido à contenção de gastos (em grande parte dos países desenvolvidos pela diminuição do *welfare state*) ou de serviços voluntários;

k) *à centralização* - a centralização espacial de serviços em maiores unidades e o fechamento ou a redução de um número de unidades menores, no caso do setor privado, se deu consideravelmente com a concentração de lojas varejistas em grandes unidades (em *shopping centers*, lojas de departamentos), enquanto, no setor público, verificou-se particularmente a concentração de cuidados hospitalares

primários e secundários em grandes unidades, ou seja, o crescimento do número de grandes hospitais gerais e de práticas gerais em grupo.

Embora os serviços privados tenham recebido maior atenção nos estudos recentes, os serviços públicos agregam uma grande parte do emprego em serviços. Esses serviços são fornecidos através de várias combinações de organizações locais e nacionais e algumas operam conjuntamente com um setor privado menor, que oferece a provisão complementar e competitiva, por exemplo em Educação, Saúde e Segurança⁴⁵. Os serviços públicos, no entanto, tendem a ser analisados não totalmente por critérios econômicos de custos ou lucros, mas através de critérios sociais, incluindo a possibilidade de acesso aos consumidores e à qualidade do produto. Além disso, alguns são “bens públicos puros” que não podem ser fornecidos pelo setor privado ou por indivíduos, como por exemplo, Defesa, funções administrativas e regulatórias da área pública. Em muitas nações, os “monopólios naturais” são de propriedade pública, especialmente os que se fundamentam no controle de redes da infra-estrutura econômica, como as telecomunicações, rede de transportes, e o controle público é, muitas vezes, justificado por considerações de segurança nacional em áreas estratégicas. Porém, recentemente, essas justificativas têm sido questionadas, resultando na ampliação da tendência à desregulação ou privatização de tais atividades, no sentido de atrair investimentos e capital privado, por exemplo nas telecomunicações, energia elétrica, suprimento de água, transporte aéreo e ferroviário.

Embora em grande parte dos países o setor público venha gradualmente se retirando de funções e atividades consideradas não essencialmente sociais, os serviços públicos ainda representam uma contribuição significativa para as economias. Nos países da OECD, por exemplo, são responsáveis por cerca de 33% do emprego total. Os países europeus experimentaram um crescimento substancial na proporção do setor público na década de 80, enquanto o Japão e os Estados Unidos revelam uma situação diferente, pois apresentam um setor público pequeno, e os aumentos nessas

⁴⁵ Kon (1996b).

atividades têm sido menos pronunciados. Mas, mesmo nos países europeus, já nos finais da década de 80, a maioria dos governos considerava esse rápido crescimento do setor público prejudicial para as suas perspectivas e colocaram em ação políticas de restrição do crescimento.

Resumindo as idéias encontradas na bibliografia sobre as causas da reestruturação do setor público em muitos países, de vários níveis de desenvolvimento, desde os anos 60, é possível identificar os seguintes fatores⁴⁶: a) demandas para a melhoria dos serviços de Saúde e Educação; b) expansão da infra-estrutura de Transportes e de Comunicações; c) crescimento dos gastos com defesa em certos países selecionados, refletindo até o final dos anos 80 a “Guerra Fria” entre o Leste e o Oeste; d) mudanças demográficas, que incluíam o crescimento da proporção de idosos sobre a população, com maior necessidade de serviços de Saúde e Previdência; e) mudanças na composição familiar, que incluíam um aumento no número de mulheres que trabalham fora da residência e o crescimento no número de famílias com apenas um dos pais, o que aumenta a demanda para o cuidado de crianças e serviços relacionados; f) políticas intervencionistas durante as décadas de 60 e 70, no sentido de dirigir o crescimento econômico e a reestruturação, requerendo maior número de trabalhadores governamentais; g) maior controle físico do planejamento para restringir ou conduzir o crescimento urbano e industrial e, assim, minimizar os impactos ambientais; h) as melhorias em todas as partes do setor público eram vistas como sendo parte integral do longo *boom* econômico pós-1945 até meados da década de 70; i) mais recentemente, o crescimento do desemprego e a necessidade de geração de postos de trabalho.

Essas necessidades correspondiam, em muitos países desenvolvidos, à política de *welfare*, porém são também encontradas em países menos avançados, que buscavam o desenvolvimento econômico no período. No entanto, a diminuição do ritmo econômico, nas décadas de 60 e 70 nas nações industrializadas e, a partir dos anos 80, em países de renda média, bem como a preocupação com os impactos

⁴⁶ Marshall e Wood (1995), pág. 186.

inflacionários dos crescentes gastos públicos, levou a uma procura de cortes em alguns serviços públicos e à maior eficiência no fornecimento de outros. Tais pressões e o final da “Guerra Fria”, justificaram uma restrição desses gastos públicos que tiveram a conseqüência de uma progressiva reorganização da provisão do setor. Além disso, uma parte da provisão também se deslocou em certas áreas do setor público para o privado ou para organizações voluntárias sem fins lucrativos, ou seja, as mais recentemente conhecidas como Organizações Não-Governamentais (ONGs). Todavia, os serviços públicos permanecem um setor grande e diversificado em muitas economias locais.

Muitos serviços são um pré-requisito para o desenvolvimento, em vez de apenas o produto final desse desenvolvimento, e sua provisão adequada se torna um elemento crucial e impulsionador da economia para o caminho do crescimento dinâmico. No caso dos países industrializados, tanto a intervenção pública como os mecanismos de mercado podem ser fontes alternativas para a provisão desses serviços. Mas, no caso das economias menos avançadas, os mecanismos de mercado podem ser inexistentes ou inadequados e, além disso, o caráter de bem público de certos serviços tem sido utilizado como um argumento para a intervenção pública no setor de serviços desses países. A intervenção pública, então, pode tomar a forma seja da provisão direta de serviços pelas administrações governamentais de empresas, ou da proteção do mercado interno contra a competição externa, a fim de encorajar o estabelecimento e o crescimento de indústrias de serviços infantis.

Essas opções políticas para os países em desenvolvimento têm sido discutidas nas Nações Unidas⁴⁷ e, recentemente, tem havido uma tendência muito importante para o estímulo de políticas voltadas para o livre mercado ao invés da intervenção governamental.⁴⁸ É enfatizado que as políticas que tendem a exacerbar a intervenção pública resultariam apenas em transformar as economias nacionais em importadores

⁴⁷ Na Conferência das Nações Unidas sobre Comércio Exterior e Desenvolvimento (*United Nations Conference on Trade and Development - UNCTAD*).

⁴⁸ Kon (1996b).

permanentes de serviços exteriores e em aprofundar sua dependência das corporações transnacionais ativas nesse campo de serviços. Por outro lado, a maior parte dos países menos desenvolvidos estão enfrentando desequilíbrios orçamentários com consideráveis déficits, e a solução para o equilíbrio, na maior parte dos casos, é limitar a intervenção pública e facilitar a provisão de serviços através de mecanismos de mercado.

5. AS CONSEQÜÊNCIAS DA INTERNACIONALIZAÇÃO DOS SERVIÇOS

A partir do desenvolvimento tecnológico nos sistemas de transportes (desde o século XVI), tem sido possível às nações a intensificação de suas inter-relações econômicas, ampliando o acesso a insumos e mercados, com resultados na internacionalização econômica. Essa internacionalização, que desde aquele século tinha o caráter de trocas comerciais de mercadorias se intensificou na segunda metade do século XIX, passando da esfera da circulação de mercadorias para a da produção, com o desenvolvimento da indústria na Europa e o processo extremamente rápido de concentração da produção. Transformou-se, nessas circunstâncias, na internacionalização do capital financeiro, como resultado da acumulação de capital nos bancos, que passam a atuar não só como intermediários, mas como monopolistas do capital-dinheiro, de meios de produção e de matéria-prima em vários países, unindo-se às empresas⁴⁹ no processo produtivo. Essa concentração dos excedentes de capital, que são exportados, resultou num novo estágio de desenvolvimento industrial através de investimentos diretos das grandes empresas no Exterior, na produção de matérias-primas e de produtos manufaturados, em busca de mercados mais amplos, menores custos dos fatores produtivos e, de um modo geral, maior retorno ao capital investido.⁵⁰

⁴⁹ Kon, *Economia Industrial*, Nobel, São Paulo, 1994.

⁵⁰ Veja Kon (1994), opus cit.

Particularmente a partir da Segunda Guerra Mundial, os países subdesenvolvidos foram, dessa forma, também conduzidos a um processo de industrialização e a uma nova divisão internacional do trabalho, que conservou, porém, uma desigualdade estrutural já consolidada anteriormente, resultante do monopólio do novo conhecimento científico e técnico. Os países periféricos receberam esse conhecimento tecnológico já pronto, sem possuírem, inicialmente, o controle dessa técnica e convertiam-se apenas em base de fabricação mundial, sobretudo por oferecerem a vantagem de uma mão-de-obra barata.

Dessa maneira, com a continuidade dos avanços tecnológicos nas áreas de Transportes e Comunicações do pós-guerra, o próprio aparato produtivo das empresas é deslocado para o Exterior, inicialmente com a internacionalização da produção de produtos acabados e, posteriormente, a partir do final dos anos 60 (particularmente com o avanço da microeletrônica e da tecnologia da informação), em alguns setores, o processo de produção é internacionalizado, com o desenvolvimento de cada parte do processo em uma diferente região mundial. O fenômeno da globalização atualmente observado no mercado mundial é, portanto, um processo histórico de internacionalização do capital, que se difundiu com maior velocidade, particularmente a partir das três últimas décadas, graças ao avanço tecnológico.

Nesse contexto, desde a década de 80 configurou-se uma nova etapa mais avançada e veloz de transformações tecnológicas e de acumulação financeira, intensificando a internacionalização da vida econômica, social, cultural e política.⁵¹ Observou-se, então, que as atividades econômicas passaram progressivamente a se desenvolver de forma independente dos recursos de um território nacional, sejam recursos naturais ou “construídos pelo homem”. Essa desterritorialização tem como causas o padrão do progresso técnico, a preferência dos consumidores, a organização corporativa

⁵¹ Veja Coutinho (1996), Daniels e Lever (1996).

e/ou as políticas públicas de governos nacionais, o que favorece a maior mobilidade dos fatores produtivos sem perda de eficiência, competitividade e rentabilidade.⁵²

Como salienta Milton Santos,⁵³ a noção de território, na atualidade, transcende a idéia apenas geográfica de espaços contíguos vizinhos que caracterizam uma região, para a noção de rede, formada por pontos distantes uns dos outros, ligados por todas as formas e processos sociais; o espaço econômico, nesse sentido, é organizado hierarquicamente, como resultado da tendência à racionalização das atividades e se faz sob um comando que tende a ser concentrado em cidades mundiais (onde a Tecnologia da Informação desempenha um papel relevante) e por suas bases em territórios globais diversos.

No caminho do desenvolvimento tecnológico e do processo de globalização econômica, novas formas de competição entre empresas e sistemas econômicos se moldam e se fazem sentir em diversas áreas. Observa-se, inicialmente, uma integração financeira internacional com aumento do volume e da velocidade de circulação dos recursos disponíveis. Do ponto de vista comercial, a globalização acarreta no desenvolvimento de semelhanças nas estruturas de demanda e homogeneidade da estrutura de oferta dos vários países, e a competição entre empresas se volta não apenas para o produto, mas, principalmente, para a tecnologia dos processos produtivos.⁵⁴ A competitividade tecnológica implica também custos elevados em pesquisas para desenvolvimento de produtos existentes e criação de novos produtos e serviços, na sofisticação no atendimento da demanda e na provisão de assistência técnica. As empresas se reestruturam geograficamente, visando à competição em nível mundial, procurando as vantagens comparativas de cada país.

Por outro lado, os processos produtivos passam a apresentar semelhanças entre as técnicas produtivas, métodos organizacionais e administrativos.⁵⁵ Esses processos

⁵² Segundo Lerda (1996).

⁵³ Santos (1994).

⁵⁴ Svetlicic (1993).

⁵⁵ Baumann (1996).

estimulam a concentração de capital e de mercados e a consolidação de oligopólios. No entanto, muitas vezes, essas estruturas de mercado se revestem de rigidez excessiva ante os novos paradigmas, baseados em flexibilidade produtiva e distributiva. Algumas pesquisas⁵⁶ mostram o fato de que, nessas condições, a oferta de produtos é interligada em âmbito mundial, através da crescente cooperação entre empresas, que entram em acordos quanto à divisão de mercado, à troca de conhecimentos tecnológicos, compartilhando, muitas vezes, riscos e custos financeiros. O aumento do número de fusões em nível mundial leva à evidência do crescimento da atuação das empresas transnacionais que, no entanto, se concentram regionalmente, no sentido de atender os grandes blocos econômicos que se desenvolveram.

Com a aceleração da globalização, a política econômica de cada país passa a ser grandemente condicionada por fatores externos, visando atender aos objetivos da competitividade internacional e da participação ativa no processo de inter-relação mundial. Por outro lado, em cada economia nacional, a velocidade da internacionalização das atividades, em grande parte, é influenciada pelas políticas públicas internas compatíveis com os requisitos do aumento dos fluxos entre países. Nesse sentido, os programas sugeridos pelo denominado “Consenso de Washington”⁵⁷, adotado em muitos países desde a década de 80 - e que resultou de uma convergência de idéias de vários países sobre a adoção de programas de estabilização, reformas estruturais liberalizantes, baseadas em descentralização fiscal, desregulação financeira, liberalização comercial, privatização e reformas tributárias -, contribuíram para a aceleração e estruturação do processo de globalização econômica. Portanto, os reflexos da aceleração do progresso tecnológico nas últimas décadas e do processo de globalização econômica foram intensos sobre a natureza e sobre a divisão nacional e internacional do trabalho, como se analisará em seqüência.

⁵⁶ UNCTAD (1994).

⁵⁷ Williamson (1993).

Dessa forma, as transformações na estrutura produtiva não se manifestaram apenas no montante do produto gerado ou em processos tecnológicos. Em anos recentes, principalmente após a década de 80, a economia mundial tem sido caracterizada por mudanças substanciais na natureza das atividades manufatureiras, e as demandas por produtos estão sendo atendidas por uma economia mundial integrada. A internacionalização do capital, que aumentou desde o início deste século com empresas multinacionais e, posteriormente, transacionais, resultou na globalização mundial das atividades econômicas desde os anos 80. A essa integração, a contribuição dos serviços no campo de Transportes e Comunicações facilitou as configurações das instalações produtivas das empresas multinacionais. Porém essas configurações são sustentadas através de serviços de construção e planejamento sofisticados e também por serviços financeiros internacionais. Esses serviços asseguram inter-relacionamentos nos canais de produção e distribuição, desempenhando o papel de um facilitador do fluxo da economia internacional. Dessa forma, grupos de serviços sofisticados estão substituindo as atividades manufatureiras tradicionais, enquanto setores líderes nas economias avançadas, e, possivelmente, também estarão nas em desenvolvimento.

Como já visto, muitas corporações transnacionais de serviços, tanto em nações avançadas como em desenvolvimento, decidem seu investimento direto no Exterior de acordo com as possibilidades de melhor resposta às demandas por seus produtos. Um estudo da ONU⁵⁸ investigou empiricamente os determinantes desses investimentos diretos no Exterior nas últimas décadas. As conclusões do estudo mostraram que, quando as firmas em indústrias de serviços investem no Exterior, suas motivações são semelhantes as dos investidores das indústrias manufatureiras, ou seja, essas firmas querem operar em grandes mercados, populados por culturas não muito diferentes das próprias, que apresentem uma proporção mínima de restrições governamentais, e visam suprir firmas-clientes preestabelecidas em seu próprio país. As firmas em indústrias oligopolistas tendem a ser particularmente

⁵⁸ Sauvart (1993).

ativas devido às barreiras à entrada, que limitam a extensão da fácil entrada por firmas marginalmente rentáveis. Mas, mesmo quando as firmas de serviços forem relacionadas a uma certa localização, a tecnologia está começando a mudar esse atributo.

Assim, as exportações de serviços, bem como as importações, são uma parte importante do processo de internacionalização, à medida que os mercados globais se tornaram mais importantes para as relações econômicas. Muitas cidades, tanto em países desenvolvidos como em desenvolvimento, foram confrontadas, nos anos 70, com disparidades no crescimento e com conflitos periódicos relacionados aos mercados da terra, trabalho e de habitações e ainda em outras tendências econômicas. Na medida em que o processo de internacionalização requeria certas transformações na infra-estrutura econômica, principalmente através de atividades de serviços, essas regiões puderam mostrar uma recuperação com relação ao decréscimo do desenvolvimento econômico e um aumento nas oportunidades de emprego, embora os postos de trabalho para não-qualificados tenham progressivamente diminuído e a demanda por profissionais qualificados tenha aumentado significativamente.⁵⁹

A internacionalização da economia mundial nos anos 80 reforçou a posição de muitas cidades desenvolvidas na hierarquia financeira global. O caso da região metropolitana de Nova Iorque é um bom exemplo dos efeitos da internacionalização de serviços. Essa cidade, durante grande parte dos meados da década de 70, demonstrou sintomas de decadência urbana: queda da renda *per capita*, declínio das receitas de impostos, alto desemprego piorado pela evacuação em massa de firmas manufactureiras, um êxodo dos escritórios centrais das corporações, um colapso dos mercados de imóveis e uma consternação na comunidade de negócios.⁶⁰ No entanto, na década de 80, Nova Iorque experimentou um ressurgimento notável e se tornou uma das partes mais ricas dos Estados Unidos, e os indicadores econômicos acima

⁵⁹ Warf (1991), pág. 261, Rima (1996).

⁶⁰ Warf (1991), pág. 245.

mencionados mostraram novamente uma situação consideravelmente boa. As razões para essa mudança repousam grandemente na crescente orientação internacional da região, como parte do eixo tripartite que domina a geografia global das finanças, juntamente com Londres e Tóquio. Muito dessa tendência deveu-se à internacionalização dos serviços da economia, embora seja errôneo atribuir a recuperação da região inteiramente ao setor de serviços. A cidade de Nova Iorque tem mais empregos no setor manufatureiro do que muitas outras cidades industriais, mas foram particularmente os serviços financeiros e auxiliares às empresas, a maior parte internacionalizados, os principais responsáveis por sua recuperação.

A desregulação dos serviços financeiros e o advento de meios avançados de comunicação conduziu à internacionalização das firmas de serviços financeiros. A globalização da economia mundial criou um novo papel para as cidades que são eixos de negócios e para as que são interligadas pela tecnologia da telecomunicação. Originalmente, o sistema bancário internacional desenvolveu-se como complemento ao comércio internacional, porque é um imperativo, para uma instituição financeira, ter a presença fisicamente próxima ao cliente e uma presença ativa em mercados importantes, a fim de efetivamente negociar, o que é acentuado pela importância de conexões diretas confiáveis. Apenas recentemente, as atividades bancárias e o comércio internacional são separados como duas partes de uma rede mundial, ao invés de uma única. Atualmente, mercados financeiros operam em uma base horária de 24 horas, apoiados pela transferência eletrônica de informações e por fundos ao redor do mundo.

Serviços eletrônicos tornam possível a dispersão das indústrias de serviços financeiros, embora essas atividades estejam sujeitas tanto a forças centrífugas quanto centrípetas. Certos aspectos da indústria de serviços financeiros se beneficiam da centralização devido às economias de escala para coleta e processamento das informações. No entanto, outros aspectos se beneficiam da descentralização, como, por exemplo, quando a informação sobre clientes locais, pequenas firmas e condições de mercados locais apontam para a necessidade de

contato face a face e de operações descentralizadas, ou quando diferenças nacionais e internacionais, em fusos horários, impõem outras deseconomias de descentralização.

De um modo geral, os serviços desempenham um papel crescentemente importante nas relações econômicas entre países, além da importância nas economias nacionais em todos os níveis de desenvolvimento, particularmente nas mais avançadas. Essas atividades são responsáveis por uma parcela crescente do comércio internacional, como podemos observar a partir da Tabela 5, que ilustra a evolução do mercado global para bens e serviços desde a década de 70 e a posição das principais economias mundiais nesse âmbito. Essas informações foram coletadas pelas Nações Unidas que classificaram os grupos de países como se segue:

a) Países desenvolvidos da América incluindo Canadá e Estados Unidos; Ásia, incluindo Israel e Japão; Europa incluindo Áustria, Bélgica, Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Islândia, Irlanda, Itália, Holanda, Noruega, Portugal, Espanha, Suécia, Suíça e Reino Unido; África do Sul; Oceania, incluindo Austrália e Nova Zelândia.

b) Países em desenvolvimento da América incluindo o México e os países da América Central e América do Sul; África incluindo todos os países exceto a África do Sul; Ásia incluindo todos os países exceto Israel e Japão; Europa incluindo Malta, Iugoslávia (anterior), Albânia, Bulgária, Checoslováquia (anterior), Hungria, Polônia e Romênia; Oceania incluindo Fiji, Kiribati, Papua, Nova Guiné, Samoa, Ilhas Solomon, Tonga e Vanuatu.

Tabela 5
Exportações e Importações de bens e serviços**(Bilhões de****dólares)**

Economias	Bens		Serviços		
	Export.	Import.	Export.	Import.	
Desenvolvidos					
América	1970	221	214	88	84
	1980	1,255	1,327	555	520
	1993	2,544	2,449	1,561	1,562
Ásia	1970	59	54	27	26
	1980	292	309	131	104
	1993	601	726	323	294
Europa	1970	20	17	5	6
	1980	133	134	35	47
	1993	366	230	211	217
África do Sul	1970	133	134	54	46
	1980	778	841	379	348
	1993	1,501	1,419	1,003	1,009
Oceania	1970	3	4	1	2
	1980	26	18	4	8
	1993	24	18	4	9
	1970	6	5	1	3
	1980	27	25	6	13
	1993	53	51	19	32
Em Desenvolvimento					
América	1970	55	54	14	26
	1980	555	443	120	209
	1993	976	1,006	279	364
África	1970	16	16	5	9
	1980	105	110	35	64
	1993	141	161	56	92
Ásia	1970	13	11	2	6
	1980	96	76	15	37
	1993	67	75	26	44
Europa	1970	23	23	5	10
	1980	343	240	64	101
	1993	748	753	191	221
Oceania	1970	2	3	1	1
	1980	10	15	5	7
	1993	17	15	5	5
	1970	0.2	0.4	0.1	0.1
	1980	1	2	0.4	1
	1993	3	2	1	2

Fonte: ONU, *UN Handbook of International Trade and Development Statistics*, 1995.

Tem sido enfatizado que existem alguns problemas na mensuração e na avaliação do papel dos serviços no comércio internacional, devido ao fato de que os serviços não só acrescentam valor ao comércio internacional, mas também não precisam ser trocados entre fronteiras físicas para serem realmente comercializados. Tradicionalmente, o comércio exterior implica uma troca de propriedade entre o fornecedor residente em uma nação e o comprador ou consumidor residente em outra, e a bibliografia econômica, durante muito tempo, revelou análises sobre o assunto que considerava que os bens são o objeto normal de troca entre diferentes países. Uma vez que os serviços estão representando uma proporção maior do comércio internacional, no sentido de lidar com as trocas de serviços ou transações internacionais de serviços, a definição de “comércio” exterior tem sido adaptada à realidade dos intercâmbios de produtos invisíveis ou imateriais e da transferência de conhecimento entre unidades econômicas e países. Tais transferências de conhecimento são intangíveis em caráter, mas podem ser efetuadas através de longas distâncias, com a presença simultânea do transferidor e do receptor, dependendo do modo de transmissão usado.⁶¹

No entanto, ainda que os dados sobre importações e exportações de bens e serviços não possam revelar as características acima do comércio de serviços e não possam ser ajustados para o tamanho da população, renda *per capita* e realizações tecnológicas, é possível fazer algumas considerações a partir das informações disponíveis. Primeiramente, o grau de interdependência das principais economias de comércio exterior tem aumentado rapidamente a partir dos anos 70, até 1993, tanto para bens quanto para os serviços; e, no caso dos serviços, a tendência também foi marcante. Em segundo lugar, a disparidade entre o grau de interdependência das maiores economias e das economias de um nível menor de desenvolvimento é grande e crescente. Dessa forma, na economia internacional, as atividades de serviços estão localizadas no contexto de crescimento da interdependência ou dependência global econômica. Embora os países em desenvolvimento mostrem um

⁶¹ Nusbaumer (1987), pág. 33

maior nível de dependência dos mais avançados, as economias modernas também mostram um grau de dependência do suprimento externo e dos mercados externos, como verificado pelo montante das importações. Esta interdependência ou dependência é representada por todas as formas de intercâmbio econômico que ocorrem por intermédio da compra e venda de bens e serviços por meio das fronteiras e da produção direta por indivíduos e empresas de uma nação no território de outra. Vários fatores afetam a significância dessa (inter)dependência para os diferentes países, dependendo do tamanho de seu mercado, de sua população (consumidores), de sua renda *per capita* e do nível de progresso tecnológico de cada economia.

Porém a interdependência, no que se refere aos serviços, não é completamente mensurada apenas por dados de comércio internacional porque os serviços são parte integrante do processo de produção de bens através de uma integração econômica, como vimos. Portanto, a mudança no conteúdo de serviços dos bens durante o tempo também deve ser levada em conta quando se avalia a contribuição dos serviços à interdependência global. Infelizmente, essas informações ainda não estão disponíveis nas estatísticas, de uma forma geral.

Como é possível verificar na Tabela 6, no entanto, em 1993, a parcela de serviços como percentual dos bens no comércio internacional, tanto para as exportações quanto para as importações, se situa acima de 30% para os países desenvolvidos e acima de 26% para os em desenvolvimento, mostrando uma tendência para o crescimento, como é observado pelas taxas anuais de crescimento desde 1980. É interessante notar que, embora seja uma tendência esperada para os países em desenvolvimento, a importação de serviços se verificar em um montante superior ao das suas exportações, para a maior parte das economias desenvolvidas, com exceção da América, a parcela das importações de serviços também é superior que as exportações, confirmando a interdependência dos mercados globais.

A composição do comércio exterior de serviços entre os países avançados e menos desenvolvidos, mas também entre os países dentro de cada grupo e região acima discriminados, revela a “especialização” ou “vocação” de cada economia. Por exemplo, os países europeus são muito mais especializados em turismo do que outras nações, como se pode verificar pela participação desse tipo de serviços na distribuição das exportações. Essa espécie de serviços apresenta a segunda maior taxa de crescimento anual para todos os países. A maior taxa é encontrada na categoria de “Outros” serviços, que incluem, principalmente, assistência técnica e consultoria para novos processos produtivos, informação, telecomunicação e outros serviços de informática, ou seja, a mencionada transferência de conhecimento. Esses serviços representam uma parcela importante das exportações de serviços principalmente nos países desenvolvidos da América e da Ásia, onde os produtores e distribuidores de serviços têm à sua disposição um maior montante de meios modernos de informação e conhecimento, mas também são consideráveis em outros países, exceto naqueles menos desenvolvidos da Europa, diante da situação política e econômica pela qual esses países estão passando.

Além da expansão internacional das atividades de serviços, devido principalmente às inovações no campo da telemática ou das tecnologias de telecomunicações, desde a década de 60 tem sido verificado o considerável crescimento nos investimentos estrangeiros diretos por companhias de serviços dos países desenvolvidos. Desde esse período até os anos 80, por exemplo, fluxos de investimento externos diretos em serviços dos Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha e Japão triplicaram.⁶² É possível dizer que os investimentos estrangeiros diretos são complementares ao comércio exterior de serviços. Em alguns setores como atividades bancárias e de seguros, por exemplo, a comunicação internacional através da telemática permite maiores inter-relacionamentos entre departamentos e filiais de companhias que operam em diferentes mercados e também entre companhias financeiras e de seguros ao redor do mundo e suas empresas multinacionais do setor produtor de

⁶² Nusbaumer (1987), pág. 164.

bens. Essas instituições financeiras e de seguros necessitam expandir suas atividades em novos domínios e regiões, estabelecendo uma presença em mercados distantes, e cada subsidiária age como um ponto de comunicação em uma rede global de fluxos de informações e de conexões de negócios.

Tabela 6
Comércio Exterior em Serviços - Exportações e Importações
1993

Economias	Serviços como % dos bens	Distribuição do Com. Ext. de Serviços 1993				Taxas anuais de crescimento 1980-93			
		Seguros	Transp.	Viagens	Outros	Seguros	Transp.	Viagens	Outros
EXPORTAÇÕES									
Desenvolvidos	30,3	3,0	4,1	81,9	11,0	3,8	5,2	8,7	9,3
América	30,9	5,0	19,9	39,4	35,7	3,9	8,9	12,8	17,4
Ásia	16,5	20,4	20,9	10,4	48,3	2,5	4,9	10,5	12,8
Europa	33,7	0,4	0,4	97,6	1,5	4,0	33,0	7,1	8,1
África do Sul	15,0	11,9	32,8	46,6	8,7	1,7	0,0	6,3	-0,5
Oceania	31,5	7,6	29,7	41,8	20,8	33,8	5,7	12,5	10,3
Em Desenvolv.	26,2	10,8	16,2	36,7	36,2	8,4	4,5	8,6	9,5
América	34,4	7,0	16,4	45,6	31,0	4,3	3,0	6,9	7,8
África	39,3	6,2	29,6	34,2	29,9	-3,0	4,2	6,5	8,5
Ásia	22,2	12,8	13,2	33,9	40,1	13,2	5,6	11,2	11,1
Europa	32,5	4,5	82,1	9,8	3,6	4,8	2,9	-0,8	-6,2
Oceania	34,3	4,9	19,7	35,4	39,9	13,7	6,4	5,9	20,5
IMPORTAÇÕES									
Desenvolvidos	31,8	13,2	17,0	31,9	37,9	4,6	5,2	8,8	10,3
América	20,4	10,5	17,6	39,8	32,1	4,9	7,4	10,7	15,5
Ásia	46,9	10,5	24,5	29,6	35,4	6,7	4,2	14,3	10,8
Europa	35,1	14,3	14,8	30,0	40,9	4,4	4,9	7,5	9,4
África do Sul	30,5	25,9	21,1	38,8	14,2	0,8	1,6	7,2	-1,3
Oceania	35,2	20,5	25,0	30,3	24,2	2,3	5,8	5,9	8,9
Em Desenvolv.	27,2	28,7	13,6	24,4	33,3	3,9	4,7	6,5	6,3
América	30,3	23,2	18,7	35,9	22,3	3,9	11,5	4,0	4,2
África	35,6	45,5	16,4	25,3	12,8	-1,1	0,7	1,8	0,8
Ásia	25,9	30,2	12,0	22,7	35,1	5,6	9,0	9,3	9,4
Europa	33,8	20,3	18,0	8,4	53,3	2,7	2,9	9,7	1,1
Oceania	62,0	25,0	4,3	10,8	60,0	2,1	-2,0	10,3	17,2

Fonte dos dados primários: *UN Handbook of International Trade and Development Statistics*, ONU, 1995. Elaboração da autora.

6. REESTRUTURAÇÃO ECONÔMICA E EFEITOS REGIONAIS

Além dos aspectos acima discutidos sobre as relações entre o processo de reestruturação econômica e o aumento das atividades de serviços, algumas pesquisas recentes examinaram os efeitos regionais dessa reestruturação.⁶³ Como enfatizado anteriormente, desde a década de 60 foi observado o aumento das redes designadas pelas corporações transnacionais para articular a internacionalização da produção de bens e serviços, que deram proeminência às “cidades mundiais”. Nesse período, foi observada uma reestruturação global da hierarquia urbana mundial.

Com relação a essas “cidades mundiais”, o Instituto de Pesquisas Nomura⁶⁴ desenvolveu uma pesquisa, em 1982, sobre a forma e a força de integração de centros urbanos no sistema capitalista mundial. Essa pesquisa examinou 345 cidades em relação a 20 atributos que refletiam serviços pessoais, transações comerciais e de mercadorias, fluxos de informações e finanças internacional. 178 cidades (incluindo Xangai, Fukuoka, Dacar, Veneza e Bordeaux) foram eliminadas da pesquisa porque não atingiram o patamar mínimo de reconhecimento como “cidades internacionais”. A partir das remanescentes, foram classificados três níveis de cidades internacionais: 80 cidades foram classificadas como pertencentes ao terceiro nível devido à sua importância particular em transações de mercadorias e comerciais (por exemplo, Akron, Bagdá, Birmingham, Nagóia e Stuttgart); 75 foram situadas no segundo nível de cidades internacionais, pois refletiam, além dessas funções, sua influência adicional no fornecimento de serviços pessoais (Bombay, Osaka, Rotterdam e Taipé, por exemplo). No grupo de primeiro nível estava Nova Iorque, Londres, Paris, Cingapura, Sydney, Melbourne e Tóquio. Esses tipos de cidades de “classe superior” emergiram impulsionados pelas redes eletrônicas globais que estão permitindo que a informação seja centralizada; outras 25 também puderam ser

⁶³ Daniels (1991).

⁶⁴ Nomura Research Institute. Veja Rimmer (1991).

classificadas no primeiro nível de acordo com sua força superior nos fluxos de informação e nas transações financeiras. Os três níveis de cidades internacionais se concentraram, principalmente, na América do Norte, na Europa Ocidental e, em menor extensão, na Ásia do Leste. Sua presença era esparsa na África, América Central e América do Sul e em outras partes da Ásia.

Do ponto de vista interior das regiões de uma nação, tem havido considerável evidência sugerindo transformações espaciais. O sistema de lugares-centrais indicado por Christaller, em 1937,⁶⁵ que descreve uma hierarquia baseada no tamanho urbano de acordo com certas funções fornecidas por cada cidade, era derivado de um contexto regional que eram os locais de mercados históricos no sul da Alemanha. O desenvolvimento das indústrias manufatureiras enfatizou a concentração das atividades em lugares centrais. Porém as versões atualizadas desse modelo refletem processos e padrões em uma escala global, nos quais as concentrações de serviços nas empresas em grandes aglomerações são consideradas como contribuintes ao novo sistema mundial de lugares-centrais⁶⁶, e no alto da hierarquia são encontradas as “cidades mundiais” de Nova Iorque, Londres e Tóquio.

Mas a nova hierarquia de tamanho urbano não coincide necessariamente com as mesmas funções relevantes. Jaeger exemplifica com o caso da Suíça, onde Zurique se situa no alto da hierarquia, devido à sua indústria de serviços financeiros, Basel por sua forte indústria manufatureira de produtos químicos voltada para o Exterior, e Berna porque é a capital e concentra a maior parte da burocracia nacional. Dessa forma, uma cidade pode ser um lugar central em uma dimensão, mas periférica em outra. As mesmas características são encontradas em outras nações da Europa.

No centro dessas transformações está a crescente importância dos serviços em geral e sua dinâmica espacial, em particular, e o desenvolvimento dos serviços

⁶⁵ Haddad (1989).

⁶⁶ Jaeger e Durrenberger (1991).

relacionados às manufaturas. No entanto, em diversos países, são observadas diferentes espécies de transformações. Em certas nações, como a Inglaterra por exemplo, foi encontrado um forte relacionamento entre industrialização e urbanização após a Segunda Guerra Mundial. O primeiro impacto foi um período em que esses dois fenômenos aconteceram simultaneamente, seguido pelo declínio das atividades industriais na década de 60, associado com um processo de desconcentração da população. Por outro lado, em algumas outras cidades, como a Itália, não houve um relacionamento óbvio entre a industrialização e a urbanização: em uma parte do país, o processo de concentração populacional diminuiu enquanto a industrialização chegava a um fim, mas, em outras áreas, um processo lento de concentração populacional ocorreu juntamente com um desenvolvimento industrial sustentado e não foi reforçada qualquer hierarquia espacial em uma escala nacional.

A descentralização da indústria manufatureira foi um fenômeno internacional nas décadas de 60 e 70 nos países mais avançados, e a recessão mundial cortou oportunidades de investimentos e desviou grandes somas de dinheiro do setor manufatureiro para os serviços financeiros. A descentralização geral da produção é atribuída a uma concentração de serviços auxiliares às empresas que aumentaram com a disponibilidade desses enormes fundos. Mas alguns autores⁶⁷ salientam que a diminuição das indústrias urbanas em certos países desenvolvidos foi causada consideravelmente pela combinação de diminuição de terra disponível e insatisfação da mão-de-obra industrial que resultou na elevação de custos salariais mais rapidamente do que o crescimento da produtividade. Esse fato é considerado uma das principais razões para a subsequente descentralização da produção, uma vez que essa descentralização foi obtida especialmente pela subcontratação, em estágios específicos de produção, de firmas pequenas, sem trabalhadores sindicalizados e com uma posição econômica relativamente mais fraca ou ainda pelo estabelecimento de plantas em filiais.

⁶⁷ Jaeger e Durrenberger (1991).

Em muitos países, essa descentralização foi caracterizada por uma separação espacial entre escritórios centrais e plantas de outros departamentos, com uma reorganização interna de funções que promoveu uma divisão espacial de trabalho. Muitas vezes, essa nova estrutura industrial é composta por firmas pequenas ou médias. A literatura a respeito distingue três modelos de firmas pequenas⁶⁸: o “artesão tradicional”, representado por um artesão ou produtor de serviço qualificado que fornece para o mercado local; o “subcontratante dependente”, uma firma pequena que vende principalmente para uma única grande empresa; e o terceiro é uma “firma pequena no distrito industrial ou comercial”. O mercado dessas firmas é nacional ou internacional, a produção é desintegrada verticalmente em unidades altamente competitivas, e não há uma dominação por uma única grande firma. Os subcontratantes, na maior parte das vezes, são independentes porque fornecem para várias firmas simultaneamente. Os equipamentos são consideravelmente sofisticados e, em parte, requerem trabalhadores altamente qualificados, porém existem também algumas tarefas fáceis a serem desempenhadas. Nessas firmas pequenas, as atividades de marketing, pesquisa e desenvolvimento são adquiridas de firmas externas, localizadas nas cidades em que são garantidos os contatos com firmas locais e são usufruídas economias de aglomeração. Dessa forma, é observada uma centralização de serviços em empresas em áreas com estrutura produtiva verticalmente desintegrada.

A dinâmica dos serviços também é fortemente relacionada à contraurbanização. Esse processo é explicado por Jaeger e Durrenberger como uma reversão fundamental da tendência secular de urbanização que se iniciou em meados dos anos 70 nos países desenvolvidos e também em muitos em desenvolvimento, quando comunidades periféricas e pequenas de certos países começaram a exibir aumento na migração líquida e foi observada uma reviravolta nos padrões clássicos de migração rural-urbana. Esse novo processo teve uma grande diferença do processo de suburbanização e é explicado pelo seguinte modelo de aglomeração

⁶⁸ Brusco (1982), *apud* Jaeger e Durrenberger (1991).

descrito pelos autores acima. A primeira fase de aglomeração é a urbanização, quando a aglomeração ganha população vinda das áreas rurais e esse crescimento é alto nas cidades. A segunda fase é a suburbanização, quando a aglomeração como um todo ainda cresce, atraindo migrantes da periferia rural, mas os aumentos de população nas cidades declinam ou se retraem e as zonas de crescimento mais rápido estão nos subúrbios nas áreas limites da aglomeração. Finalmente, a terceira fase é a contraurbanização, quando a população nas aglomerações é declinante, enquanto as áreas rurais podem aumentar em número de habitantes e os espaços periféricos rurais remotos das aglomerações atraem migrantes urbanos. Esse padrão de desurbanização pode ser gerado por uma tendência de expansão da aglomeração, ou seja, uma periurbanização. Uma quarta fase pode ser observada que se relaciona a processos de reurbanização, quando ainda existem perdas populacionais na aglomeração, enquanto a população na cidade é estabilizada.

Em países desenvolvidos, estudos recentes⁶⁹ mostraram um declínio no ritmo da contraurbanização, mas é observado também que seus efeitos remodelaram o ambiente construído e são efeitos duradouros. No que se refere às atividades de serviços, é observado que a localização de serviços de consumo final tende a seguir a distribuição da população, mas o papel dos produtores de serviços às empresas é menos bem delineado. Em geral, é esperado que os serviços às empresas se concentrem em grandes aglomerações, mas esses estudos recentes indicaram que essa tendência diminuiu, ou não é a mesma entre diferentes países desenvolvidos. As áreas metropolitanas mostram, geralmente, taxas mais elevadas de declínio industrial e taxas inferiores de crescimento dos serviços do que em áreas não-metropolitanas. Mas os serviços às empresas apresentam o crescimento mais rápido nas áreas metropolitanas e também nas intermediárias e periféricas, e são seguidos por serviços de consumo final e financeiros, enquanto a construção civil e as atividades manufatureiras estão em declínio. Esses serviços financeiros incluem tanto serviços às empresas quanto a consumidores individuais.

⁶⁹ Jaeger e Durrenberger (1991), pág. 118.

Sob tais condições, um estrutura do tipo lugar-central simples não captura a complexidade do desenvolvimento metropolitano e dos serviços, e é observado freqüentemente não um único centro, mas muitas diferentes cidades em que o processo de reurbanização ocorre ao mesmo tempo. Assim, o desenvolvimento está se movendo de áreas totalmente urbanizadas e industrializadas, para um ambiente misto, onde a firma manufatureira se torna rural, mas continua a receber o apoio de centros urbanos. Os serviços às empresas se concentram em cidades relativamente pequenas ou de tamanho médio em regiões principalmente favorecidas pelos efeitos da contraurbanização. Em alguns países desenvolvidos da Europa, por exemplo, essas cidades não desempenham um papel internacional relevante, mas são muito importantes em um contexto regional como fornecedoras de serviços às empresas e sustentam relativamente altos níveis de exportações internacionais tanto de serviços finais (turismo, por exemplo), quanto de bens.

Além do fato de que a dinâmica espacial das indústrias de serviços contemporâneas é descrita com os elementos de um sistema de um lugar-central global, observa-se que o crescimento, a internacionalização e a diversificação de serviços mais modernos, particularmente dos serviços às empresas, promovem uma divisão espacial de trabalho desigual. Atividades de serviços altamente internacionalizadas podem concentrar-se em umas poucas cidades mundiais que dominam os mercados internacionais, enquanto o resto das cidades servirão os mercados internos e locais.

Jaeger e Durrenberger encontraram também evidências de que certas tendências em países desenvolvidos podem caracterizar uma situação que difere do modelo de um único lugar-central global e é caracterizado por uma hierarquia múltipla. Nesse modelo, existe um conjunto de variáveis distribuídas hierarquicamente de uma forma coerente, mas a forma de hierarquia não é apenas relacionada com o centro. É possível à cidade A se situar em uma hierarquia superior do que a B com relação a uma variável y e à variável z . Então, será caracterizada uma hierarquia coerente, e a cidade A é mais central, em um sentido absoluto, do que a B. No entanto, é possível encontrar casos de múltiplas hierarquias, quando a cidade A pode se situar em um

nível superior a B com relação à variável x , enquanto a situação se inverte com relação à variável z . Assim, são encontrados dois lugares-centrais que se interferem mutuamente. Existe uma interação em forma de uma rede, com lugares-centrais como nós, a partir de uma periferia para um lugar-central, com um novo tipo de relacionamento de interdependência entre lugares que são centrais com relação a diferentes dimensões.

Jaeger e Durrenberger descrevem três processos que podem ter maior influência sobre o desenvolvimento de múltiplas hierarquias. Relacionam a especialização flexível e a separação dos serviços de atividades manufatureiras, bem como a profissionalização (maiores qualificações, cruciais para a especialização flexível), que permitem estratégias que se beneficiem das divisões entre serviços e atividades manufatureiras típicas. Por outro lado, a especialização flexível pode envolver a externalização (terceirização) de serviços pelas firmas manufatureiras e isso, por sua vez, aprofunda a separação entre tais firmas e indústrias de serviços. Finalmente, a contraurbanização anteriormente descrita também dá surgimento a múltiplas hierarquias.

Uma pesquisa que leva em conta uma nova classificação das atividades econômicas⁷⁰ encontrou resultados interessantes no que se refere à reestruturação regional das atividades. Este trabalho se baseou em dados agregados de emprego em estabelecimentos individuais de uma firma, em quatro funções: manufatura, circulação, distribuição e regulação. Foi testado para quatro estudos de casos que envolveram, em escalas nacionais e regiões metropolitanas, esses elementos básicos, para os sistemas produtivos modernos do Canadá, Dinamarca, França e Suíça. O estudo analisou e identificou os papéis desempenhados pelas regiões metropolitanas desses países, e os contrastou com os desempenhados pelas regiões periféricas, a fim de entender a especialização regional que resultou da reestruturação espacial dos sistemas produtivos nacionais. Diferentes padrões ilustram as mudanças nos sistemas produtivos desses países e suas especializações.

⁷⁰ Bailly e Maillat (1991).

Em algumas regiões, no período analisado de 1971-85, a parcela de emprego na manufatura caiu, mas ainda representou uma grande parte do emprego total (ao redor de 35% a 45%). As atividades de circulação aumentaram em todos os países, em diferentes graus, de acordo com as mudanças específicas nos sistemas produtivos desses países e em sua especialização (mais de 20% do emprego total). Nessa área particular, os fluxos de informação se difundiram e refletiram uma mudança para sistemas econômicos designados a responder aos requisitos de crescente informação e comunicação das trocas nos processos produtivos. Em particular, a mão-de-obra não-treinada para ocupações de informações foi substituída em todas as atividades por trabalhadores treinados nessas ocupações, como resultado de uma demanda crescente por atividades relacionadas à organização, à coordenação, à supervisão e ao acesso a tecnologias e mercados.

No que se refere a atividades de distribuição (cerca de 29% a 35% do emprego total), foi observada uma taxa de crescimento mais rápida na Dinamarca e na França e mais lenta no Canadá e na Suíça. As diferenças foram explicadas pelo fato de que a distribuição individual (de comércio varejista, serviços de reparação e pessoais) já era responsável por um percentual elevado de empregos nesses últimos países. O padrão do papel da distribuição reflete opções escolhidas com relação à Saúde e Educação, ou seja, serviços públicos que exibem uma necessidade de crescimento dos investimentos em capital humano.

As atividades de regulação confirmam a tendência, naquele período, em direção à crescente intervenção no sistema econômico, que na atualidade mudou consideravelmente. Essas funções eram representadas por mais de 9% do emprego total na França, Canadá e Dinamarca no início dos anos 80, e 4,4% na Suíça e apenas a Dinamarca mostrou uma taxa de crescimento significativa (4,2%) na década de 70.

Os resultados desta pesquisa mostraram situações típicas de países desenvolvidos e deveriam ser testados para economias em desenvolvimento. Em resumo, foram

descritos três tipos de modelos para a composição dos sistemas produtivos regionais e nacionais, como resultado da reestruturação produtiva:

1. O modelo industrial, em que a manufatura participa com mais de 50% do emprego total.
2. O modelo da sociedade de consumo, em que o emprego nas atividades de distribuição atinge 50%.
3. O modelo da sociedade de informação, em que a circulação representa acima de 40% do emprego total.

Os autores concluem que não podemos afirmar que os sistemas produtivos estão evoluindo em direção a um sistema pós-industrial, porque embora os papéis da circulação, distribuição e regulação tenham aumentado consideravelmente, o papel da manufatura ainda permanece importante em antigas regiões industriais. Dessa forma, a mudança não é para uma sociedade de serviços, como tradicionalmente definida, mas, ao contrário, em direção de uma sociedade pós-manufatureira nessas regiões, enquanto as regiões metropolitanas e turísticas estão evoluindo para uma sociedade de informação e consumo.

7. A TERCIARIZAÇÃO NO BRASIL

7.1. A evolução do setor terciário

Em pesquisa anterior sobre a evolução do setor terciário no Brasil⁷¹, observou-se que, desde o início do processo de industrialização brasileira da década de 50 até

⁷¹ Kon (1996c).

1980, o crescimento real médio anual da produção dos serviços acompanhou a média de crescimento global da economia. Nesse período, fica bem claro o papel de complementaridade dessas atividades em relação à evolução das atividades industriais, particularmente nos centros polarizadores. Também, a taxa de expansão dos serviços de apoio às atividades industriais e agropecuárias foi superior às dos serviços que visavam ao atendimento direto da população. Nos períodos de recessão ou estagnação, a capacidade de ampliação dos serviços representou uma válvula de escape para parte da população liberada de outros setores, que, embora permanecendo subempregada, continuou contribuindo para a geração de produto. No início dos anos 90, com as fortes medidas estabilizadoras que resultaram em considerável queda da atividade econômica brasileira, o crescimento anual do produto dos serviços, até 1994, situou-se na média geral do País, embora as taxas se revelassem inferiores às da absorção de trabalhadores no setor.

Por sua vez, o exame da composição setorial do produto no País revelou a importância relativa do setor de serviços no processo de desenvolvimento econômico, uma vez que no decorrer do desenvolvimento das atividades industriais, a partir da década de 50, a participação dos serviços na composição setorial veio aumentando constantemente. Nos anos 50, a forte concentração de produto no setor terciário evidenciava o atendimento do escoamento e a comercialização de produtos primários, desenvolvendo, nessa primeira etapa, serviços de infra-estrutura de transportes e financeiros. O capital acumulado no setor agropecuário, nesse período, destinava-se grandemente ao consumo de bens de luxo importados aqui comercializados.

Com o início da industrialização, o aumento da proporção do produto gerado pelas atividades secundárias se deu à custa da representatividade do setor primário, uma vez que o setor de serviços continuou expandindo sua parcela no produto gerado, até 1990. Apenas em 1995, os dados revelam que as atividades primárias expandiram sua proporção do produto gerado, observando-se uma ligeira queda relativa, porém não absoluta, da proporção dos serviços. Isso se verificou também

tendo em vista que, no início da década de 90, as atividades de serviços absorveram de modo mais intenso um contingente elevado de trabalhadores, na sua maior parte de baixa qualificação, cuja remuneração e produtividade se mostraram inferiores relativamente.

A mencionada pesquisa mostra ainda que as transformações estruturais para o global do País foram menos drásticas do que nas regiões polarizadoras da economia. Por outro lado, as taxas médias anuais de crescimento do produto por trabalhador (uma *proxy* da produtividade) do setor de serviços, desde os anos 50, estiveram abaixo das taxas médias globais do País; esse comportamento confirma a tendência das economias mundiais de um crescimento superior da produtividade de atividades secundárias, como constatado anteriormente. Porém, no caso brasileiro, essa menor produtividade é mais intensa do que nos países avançados e reflete também a maior absorção relativa da parcela de trabalhadores menos qualificados, em ocupações de baixa remuneração e pouca intensidade de capital.

Uma visão mais detalhada sobre a composição interna da geração de produto do setor terciário mostra também uma dinâmica de transformações internas, nos anos 70, em direção à modernização, uma vez que os gêneros de serviços voltados para o atendimento às empresas e, particularmente, os mais modernos, como Atividades Financeiras, Transportes e Comunicações, apresentam maior crescimento. No entanto, a partir da década de 80, as transformações na composição entre os serviços mostram uma estagnação do antigo processo de modernização, uma vez que as atividades que passam a contribuir com maior crescimento da parcela de produto gerado referem-se aos serviços mais voltados para o atendimento da população e com baixa produtividade e aumento considerável de atividades informais. O setor de serviços engloba atividades bastante diversificadas por sua natureza econômica, que podem demandar uma ampla gama de combinações no que se refere à relação capital-trabalho, mesmo entre atividades de um mesmo gênero. Nesse sentido, embora se observe que, no Brasil, o processo de inovação tecnológica tenha se acelerado nos anos 90 e acarretado mudanças estruturais - tanto na composição

setorial da economia como um todo como no setor terciário - convém destacar que essas transformações, embora ocorrentes nos serviços, foram menos drásticas do que nas atividades secundárias e, relativamente às economias desenvolvidas, apresentaram um processo lento de modernização.

O período da década de 80, tendo em vista os problemas peculiares da economia brasileira⁷², apresentou uma falta de dinamismo no que se refere ao processo de modernização global dos serviços, embora se verifiquem exemplos isolados de setores nos quais a introdução da inovação tecnológica foi considerável. Por outro lado, observa-se que, no início da década, a significativa queda de crescimento da atividade em todos os setores, que culminou em 1983, delineou o comportamento da década, pois embora nos anos posteriores tenha-se observado um crescimento considerável em 1985 e 1986, seguido de menores taxas de crescimento até o final da década, a recuperação econômica não conseguiu recompor o rápido processo de modernização que vinha se delineando na década de 70 e o avanço tecnológico no País, então, se apresenta pouco dinâmico relativamente.

7.2. Reestruturação produtiva, terceirização e fusões

Os programas de Competitividade Industrial, Produtividade e Qualidade e Apoio à Capacitação Tecnológica, instituídos nos primeiros anos da década de 90, visavam estimular a competição através de medidas voltadas para privatizações de empresas públicas, liberalização do Comércio Exterior associado a novas regras para investimentos externos diretos, bem como uma revisão na legislação antitruste. A modernização das empresas diante dessas novas regras foi um passo necessário para o acompanhamento do processo de competição interna e externa que se delineou. Grande parte das empresas brasileiras adotaram formas de reestruturação organizacional e produtiva, que incluíam não apenas investimentos em

⁷² Para maiores detalhes sobre o comportamento da economia brasileira no período, veja Kon (1995).

equipamentos mais atualizados com o auxílio da informática, por exemplo, mas também a concentração de seu esforço na linha de produto de sua especialização ou “atividade-fim” da empresa, terceirizando grande parte de suas atividades complementares ou de apoio, como contábeis, administrativas, de transportes dos produtos, de limpeza/faxina, de manutenção de equipamentos, de alimentação para os funcionários, de publicidade, entre outras.

Como se verifica, uma parcela considerável de atividades de empresas voltadas à produção primária e secundária consiste em serviços que, através da terceirização, se incorporam como atividades do setor terciário; esta transformação é responsável por uma proporção de aumento do emprego e da geração do produto que passa a ser mensurada como gerada pelo setor de serviços, mas que, anteriormente, era incorporada aos demais setores.

Parte da reestruturação organizacional e da terceirização de atividades das empresas diz respeito à área gerencial e mais qualificada de serviços administrativos, resultando na diminuição de níveis hierárquicos associada à terceirização. Uma pesquisa de Quadros⁷³ para o Brasil sobre a reestruturação das empresas, examinando a composição dos assalariados do setor formal para os anos de 1989 e de 1990-94, seleciona ocupações típicas gerenciais e administrativas e verifica um corte de 19% dessas ocupações no período 1990-94. Esse corte foi mais intenso nos níveis intermediários de gerência, de chefes e técnicos administrativos e chefes e supervisores de fabricação. Constata a redução nos níveis hierárquicos, devido à introdução de novas formas de organização e gestão empresarial e o drástico encolhimento das funções administrativas como resultado da introdução da informática nos escritórios, que suprime as tarefas rotineiras, repetitivas e parciais. Essa diminuição permitiu redefinir, agrupar e extinguir funções de supervisão e gerência. O impacto dessas transformações nas empresas foi diferenciado entre os setores e os dados mostram que o encolhimento relativo foi mais intenso nos segmentos mais bem situados (mais aptos para a modernização) e a

⁷³ Quadros (1996).

terceirização de parte das atividades das empresas levou à difusão de micro e pequenos empreendimentos e à ampliação do número de autônomos.

A terceirização também foi implantada em grande escala no setor público brasileiro, tanto pela União, quanto por alguns estados e municípios. Constatou-se que as conseqüências desse processo foram favoráveis ao aumento da qualidade, produtividade e eficiência, redução de custos e de processos burocráticos⁷⁴. O SIMPI, Sindicato da Micro e Pequena Indústria de São Paulo, constatou que 84% das licitações da Prefeitura de São Paulo, a respeito da terceirização de serviços, são ganhas por empresas de pequeno porte do setor de serviços. Um exemplo bem sucedido de terceirização de atividades públicas é mostrado pela EBCT - Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, que adotou essa estratégia via franquia, a partir de meados de 1990, para aumentar sua malha de atendimento e para contornar as restrições ao investimento e às dificuldades para a contratação de novos funcionários pelas empresas estatais. Com esse processo, 1.737 novas agências foram criadas em todo o País, num período de cinco anos, com um investimento total de 100 milhões de dólares, que foge à possibilidade da EBCT. Nesse setor público específico, a diminuição dos custos por empregados nas novas agências franqueadas se situou em torno de 63%, e essas agências mostraram lucratividade, para uma situação deficitária de 88% das agências próprias dos Correios. Esse exemplo de criação de novos empregos (10.000 no caso da EBCT) e de investimentos revela as repercussões consideráveis do processo de terceirização como política de reestruturação empresarial, sobre a evolução do setor de serviços, também por parte da área pública.

A concorrência de empresas privadas na disputa das licitações para fornecimento de serviços públicos terceirizados conduz à modernização organizacional e produtiva das atividades. Um exemplo notável é mostrado pela utilização de computadores de bordo em caminhões de coleta do lixo e de controle dos custos através de informática; a Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública - ABRELP,

⁷⁴ Urdan (1994).

que congrega empresas privadas, vem promovendo seminários de informática com as empresas do setor, mostrando a utilização desses novos recursos.

Por outro lado, tanto na área pública quanto na privada (com maior intensidade nesta), observa-se, na Saúde, um processo crescente de terciarização dos serviços especializados. Particularmente na área de diagnósticos dos hospitais, em que o investimento é caro e o retorno é demorado, diante do constante progresso tecnológico, a terceirização vem sendo adotada no sentido de reduzir custos. Essas parcerias se verificam também em unidades de laboratório, pronto-socorros, terapia-intensiva, farmácias, lavanderias, além da área de diagnósticos. Esse movimento vem ampliando a criação de pequenas empresas voltadas ao atendimento desses serviços, em resposta à demanda alimentada pelo crescimento populacional e pela melhoria das exigências de atendimento público à população, para suprir as deficiências do setor público nessa área.

No entanto, alguns técnicos⁷⁵ chamam a atenção para a possibilidade de um processo de “terceirização predatória” como uma forma de aproveitar de um mercado de trabalho no qual predominam relações precárias de trabalho. Nesse caso, é observada a diminuição de benefícios sociais para os trabalhadores, salários mais baixos e falta de equipamentos de proteção e maior insalubridade em empresas terceiras, ao lado do aumento de trabalhos sem registro.

Outra pesquisa⁷⁶ que visou examinar os tipos de ajustamento empresarial das maiores empresas do Brasil no período de 1989 a 1992 pesquisou uma amostra de 230 empresas, correspondendo a três maiores empresas de cada um dos principais subsetores dos setores industrial, mineral, comercial e de serviços. Os resultados do trabalho mostram que o comportamento do emprego diante desta reestruturação foi diversificado, constatando que: a) em 68% das empresas houve ajustamento com redução do emprego e crescimento da produtividade; b) em 15% das empresas o

⁷⁵ Antonio Prado em *O Estado de S. Paulo*, 05.12.93, pág. B12.

⁷⁶ Amadeo e outros (1996).

ajustamento foi malsucedido com redução do emprego e queda da produtividade; c) em 11% das empresas o ajustamento se deu com crescimento do emprego e crescimento da produtividade; e, finalmente, d) em 6% das empresas não houve ajustamento e observou-se aumento do emprego e queda da produtividade.

Por outro lado, a pesquisa mostra que o ajuste foi efetuado principalmente pela diminuição da participação de trabalhadores menos qualificados do seu quadro de pessoal, tanto nas indústrias do secundário quanto nas de serviços. Além do mais, observou-se, no período, uma queda no grau de formalização na contratação de trabalhadores no setor secundário, como estratégia para diminuir os custos do trabalho, enquanto o setor de serviços mostrou ligeiro aumento na formalização. No entanto, nesse último setor, as relações de trabalho são mais instáveis, constatando-se maior rotatividade de trabalhadores, mesmo em ocupações formalizadas. Com essas transformações, os ganhos salariais aumentam nas atividades secundárias, crescendo com o nível de instrução, enquanto, no setor de serviços, o ganho salarial diminui para todos os grupos educacionais. É constatado ainda que, em todas as empresas, os salários dos trabalhadores com carteira assinada é superior aos dos sem carteira, e, nos dois setores, os ganhos salariais são crescentes com a experiência no trabalho, porém, na indústria manufatureira, os ganhos relativos são superiores e a valorização da permanência do trabalhador nas empresas também.

A reestruturação produtiva e organizacional nas empresas resultou em um crescimento mais considerável do PIB do setor de serviços na década de 90. Mesmo no período do Plano Collor, em que a atividade econômica observou forte estagnação e o setor secundário apresentou uma queda de 8,2%, o setor de serviços mostrou uma resistência à queda, que se situou em apenas 0,8%. Para 1996⁷⁷, as estimativas de crescimento do gênero de comércio, que corresponde a 31% dos serviços, são favoráveis particularmente para os varejistas que mantêm uma capacidade de oferecer crédito ao consumidor. Igualmente favorecido será o setor de transportes que deverá ser responsável por 11% do produto de terciário,

⁷⁷ Estimativas de MB Associados em *Folha de S. Paulo*, 19.05.96, págs. 2-3.

principalmente devido ao escoamento das importações e dos estoques agrícolas governamentais. O crescimento dos serviços foi explicado pelo crescimento da massa de rendimentos em termos reais.

Se, por um lado, o aumento da terceirização foi considerável e correspondeu a um processo inverso ao de verticalização acelerada que havia ocorrido nos anos 70, um outro processo paralelo, o de fusões entre empresas, resulta, da mesma forma, em mudanças nos indicadores de produtividade e nas condições de emprego nos serviços. Na busca de ajustamento das grandes empresas diante dos novos requisitos de aumento da produtividade, ou para propiciar a eficiência, o desenvolvimento tecnológico, e economias de escala que permitam a concorrência nos mercados internacionais globalizados, tem-se observado no Brasil um aumento considerável de fusões desde os anos 80, com crescimento notável nos anos 90. Nos anos 80, um grande número de empresas brasileiras venderam sua participação acionária por razões como a iminência de falência, obrigações tributárias acima de suas condições de pagamento, desvantagens técnicas relacionadas a pequeno porte ou desvantagens administrativas. Como ocorreu também com parte de empresas oligopolísticas do setor secundário⁷⁸, empresas do setor terciário recorreram a esse processo de ajuste às condições conjunturais adversas brasileiras, embora observe-se que o processo de fusões venha ocorrendo com aumento de intensidade também em outros países avançados, como forma de ajuste à economia global. No Brasil, os exemplos mais marcantes de fusões nos serviços têm se apresentado no setor bancário e financeiro. Não apenas bancos pequenos vêm se envolvendo no processo, mas também grandes instituições financeiras estão vendendo seus ativos para instituições nacionais e estrangeiras. As previsões de especialistas da área são de que, em 1997, deverá aumentar o número de fusões nesse setor, uma vez que a estabilização da economia brasileira e a globalização da economia mundial tornaram mais difícil a sobrevivência de bancos pequenos.

⁷⁸ Kon (1994), pág. 55.

As empresas que adquirem as participações acionárias de outras firmas têm objetivos, além da possibilidade de obter ou ampliar economias de escala da diminuição da concorrência ou de dominação do mercado, eliminando rivais, de economias de *marketing* e nos canais de distribuição, de complementaridades entre empresas, de possibilidade de crescimento com maior velocidade e segurança, bem como do favorecimento do preço de suas ações no mercado acionário, ao se reunirem capitais em uma única empresa. No entanto, se são observados ganhos em produtividade e potencialidade de ampliação do produto gerado pelo setor, através dos processos de fusão, verificam-se também alterações consideráveis no nível de emprego, tendo em vista que são eliminados muitos postos de trabalho pela unificação de departamentos administrativos, de vendas e de outros serviços.

8. A REDISTRIBUIÇÃO PRODUTIVA E A TERCIARIZAÇÃO

8.1. Considerações iniciais

Como vimos, as transformações em curso na economia mundial têm reflexos diretos sobre a economia brasileira e se manifestam em uma mudança estrutural dos mercados, exigindo mudanças organizacionais e produtivas, significativas por parte das empresas, na busca da modernização que possibilite a competição interna e internacional. O setor terciário vem representando um papel relevante no equilíbrio econômico a partir dessas transformações, particularmente na geração de empregos e de renda. O grau e a velocidade de modernização requerido para a participação efetiva e crescente da economia brasileira no mercado mundial não têm sido atingidos ainda pela economia nacional, tanto no que se refere à reestruturação produtiva das empresas em uma abordagem microeconômica quanto da economia como um todo, em uma visão macroeconômica.

No sentido de avaliar o grau das mudanças na estrutura produtiva brasileira como um todo e na composição interna do setor terciário nacional, foram analisados resultados empíricos sobre a geração de produto e de emprego, através de uma abordagem macroeconômica, a partir de indicadores elaborados para esse fim.

8.2. Aspectos metodológicos

A intensidade das mudanças na estrutura produtiva brasileira é avaliada aqui a partir dos Coeficientes de Redistribuição Setorial (CRS), elaborados especificamente nessa pesquisa para os fins específicos de análise. Selecionaram-se para esse fim as variáveis Produto Interno Bruto (PIB) e População Ocupada (PO), cujas informações estatísticas encontram-se disponíveis e compatíveis para uma série histórica representativa. O CRS relaciona a distribuição setorial da representatividade das variáveis entre dois períodos de tempo, a fim de avaliar o grau de mudança nessa distribuição.

$$\text{CRS} = \left[\sum_{j=1}^n (|v_{jt1} - v_{jto}|) / 2 \right] / 100$$

Sendo v a participação percentual do setor j no total de cada variável ($[X_j / X_t] \times 100$), nos períodos de tempo t_0 e t_1 . Foram elaboradas, para cada variável PIB e PO, duas variantes dos coeficientes:

a) CRS-E, Coeficiente de Redistribuição Setorial *entre* os setores agregados da economia, ou seja, primário, secundário e terciário, com o objetivo de avaliar a redistribuição produtiva (representada pelas variações na representatividade dos setores) e o grau de terciarização da economia no decorrer da série temporal, ou

entre os gêneros do terciário, visando verificar as mudanças internas no setor de serviços;

b) CRS-N, Coeficiente de Redistribuição Setorial *no* setor, ou seja, para avaliar a distribuição do CRS-E em cada setor da economia ou gênero do terciário no decorrer do período histórico, de tal modo que $(CRS-E) = \sum (CRS-N_j)$.

Os valores de CRS-E situam-se entre 0 e 1. Quando o coeficiente for igual a 0, não terá havido modificações na distribuição setorial da variável. Se for igual a 1, terá ocorrido uma reestruturação profunda no padrão de representatividade setorial. Da mesma forma, quanto mais próximo de 0 (de 1) for o coeficiente, menores (maiores) terão sido as mudanças significativas no padrão.

As fontes de informações utilizadas, que foram selecionadas a partir da disponibilidade de dados compatíveis para toda a série histórica pesquisada, são: i) a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD do IBGE, para dados sobre a PO; ii) Contas Nacionais da Fundação Getulio Vargas (anos iniciais da série) e do IBGE, para dados do PIB; c) Relação Anual de Informações Sociais - RAIS, do Ministério do Trabalho, para avaliação da reestruturação nas empresas, uma vez que agrega apenas a PO do setor formal. A série histórica selecionada compreende o período de 1970 até o ano mais recente disponível para cada variável, ou seja, 1994 ou 1995.

8.3. A interpretação dos resultados

Como visto anteriormente, desde o período da crescente industrialização brasileira, na década de 70 a participação do produto gerado pelo setor terciário tem se elevado relativamente à dos demais setores; no início do período, isso se verificou à custa da participação do setor primário, porém nos anos 90 à custa do setor secundário, em face da reestruturação produtiva e da migração de atividades de serviços antes

consideradas como participantes dos demais setores. O grau de redistribuição dessa participação entre os setores nas várias décadas e em todo o período é avaliado pelo CRS-E apresentado na Tabela 7.

Observa-se, inicialmente, quando se analisa a redistribuição setorial do produto para os grandes setores agregados da economia, que todos os coeficientes CRS-E se aproximam mais intensamente de zero, revelando, em todas as décadas, que essa redistribuição não apresentou uma dinâmica de alta intensidade e velocidade, mesmo na década de 70 (0,0280), em que foram constatadas grandes transformações. Esse resultado mostra que as transformações nesse período se verificaram em todos os setores e a intensa geração de produto não se resumiu ao setor secundário. Efetivamente, devido à introdução intensa de capital na agricultura nos anos 70, o maior grau de mudança na participação relativa (0,0140) se verificou nesse setor. A parcela do terciário (0,0025) no CRS-E mostra um grau menos intenso de transformação na representatividade, confirmando o papel de complementaridade e dependência dessas atividades em relação aos demais setores no período.

Tabela 7
Coefficientes de Redistribuição Setorial do PIB.
Brasil, 1970-94.

Setores ou Gêneros	CRS-N				
	1970-80	1980-90	1990-94	1970-90	1970-94
ECONOMIA					
Primário	0,0140	0,0195	0,0195	0,0335	0,0530
Secundário	0,0115	0,0015	0,000	0,0130	0,0130
Terciário	0,0025	0,0180	0,0195	0,0205	0,0400
CRS-E	0,0280	0,0390	0,0390	0,0310	0,0280
TERCIÁRIO					
Comércio	0,0245	0,0295	0,0045	0,0540	0,0585
Transportes	0,0005	0,0080	0,0065	0,0085	0,0150
Comunicações	0,0010	0,0000	0,0015	0,0010	0,0025
Atividades Financ.	0,0315	0,0130	0,0175	0,0445	0,0620
Administr. Pública	0,0025	0,0305	0,0025	0,0330	0,0355
Aluguéis	0,0120	0,0300	0,0560	0,0420	0,0980
Demais Serviços	0,0180	0,0100	0,0635	0,0280	0,0915
CRS-E	0,0900	0,1210	0,1520	0,1790	0,1290

Fonte dos dados brutos: Fundação Getúlio Vargas e IBGE. Elaboração da autora.

Nos anos 80, que corresponderam ao período de desaceleração do ritmo das atividades econômicas⁷⁹, a intensidade da variação de representatividade entre os setores foi maior (0,0390) em relação ao período anterior; o maior coeficiente também se apresentou no setor primário, significando, nesse caso, maior perda de representatividade relativa grandemente devida à situação de seca no Nordeste, quando se verificou um deslocamento considerável de trabalhadores rurais para setores urbanos, alocando-se em serviços de baixa produtividade. Uma variação menor (0,0015), no sentido positivo, se verificou para o secundário, pois, no início da década, como resultado da situação conjuntural adversa e das políticas

⁷⁹ Para maiores detalhes sobre a situação econômica do período, veja Kon (1992), capítulo 3.

governamentais de ajuste, a produção industrial apresentou taxas negativas de evolução e a recuperação, após 1985, não foi suficiente para reestabelecer totalmente o crescimento anterior na representatividade relativa. O coeficiente do terciário (0,0180) mostrou uma maior transformação na participação dessas atividades, relativamente às secundárias, que se deram no sentido positivo. Isso se verificou pelo papel representado pelos serviços, no período, de amortecedor do desemprego ou absorvedor da mão-de-obra liberada de outros setores, porém acentuadamente representada por atividades de baixa produtividade e acumulação de capital.

No início dos anos 90, com a queda acentuada da atividade até 1992 e com as políticas de estabilização que se seguiram, a intensidade de variação relativa entre os setores também foi baixa (0,0390), revelando a mesma intensidade nos setores primário e terciário, porém com sentidos contrários, ou seja, ganhos de representatividade para o primeiro e perda para o último. Para todo o período de 1970-94, os indicadores para o terciário mostraram que, relativamente aos demais setores, as transformações na participação no PIB gerado foram pouco intensas, embora superiores às do secundário. Os maiores ganhos de representatividade ou maiores coeficientes se deram nos anos 90, apesar da queda geral de evolução até 1992, o que faz supor que um dinamismo mais intenso das atividades de serviços, em relação às demais atividades, se iniciou a partir de 1993.

Dessa forma, como complementaridade à avaliação da reestruturação produtiva entre os setores e internamente ao terciário, são examinados indicadores que utilizam a variável população ocupada como base. A partir da Tabela 8, observa-se que os coeficientes para a economia como um todo revelam que, a partir dos indicadores de população ocupada, as mudanças na estrutura produtiva foram mais intensas. O indicador para todo o período analisado é consideravelmente mais representativo do que o CRS-E, que tem como base o PIB, o que confirma a constatação anterior de que as mudanças estruturais se deram mais intensamente em relação aos movimentos da mão-de-obra do que à geração do produto. Esse

movimento de ocupados foi mais intenso na década de 80, como mostram os coeficientes, e, nesses anos, o indicador do terciário foi superior aos dos demais setores, mostrando uma elevação mais que proporcional da representatividade dos trabalhadores nesses serviços do que nas atividades manufatureiras e primárias; o coeficiente dessas últimas atividades, que se igualou ao do setor secundário, no caso das atividades rurais, refletiu a perda de participação de trabalhadores.

A reestruturação produtiva verificada ao longo de todo o período acarreta transformações na representatividade dos grupos de ocupação compostos pela população ocupada. Nos países mais avançados, verificou-se que, à medida do processo de modernização tecnológica e organizacional e do desenvolvimento econômico, a parcela de ocupações técnicas, científicas e administrativas ganham maior representatividade relativa.⁸⁰ Para o Brasil, o exame das transformações nos grupos ocupacionais, retratado na Tabela 9, mostra que o período de industrialização acelerada da década de 70 resultou nas maiores alterações nas representatividades dos grupos ocupacionais do que nos períodos subsequentes. O CRS-E para os anos 70 se mostra consideravelmente superior aos anteriormente analisados (0,1510).

⁸⁰ Kon (1995).

Tabela 8
Coeficientes de Redistribuição Setorial da População Ocupada.
Brasil - 1970-95

Gêneros	CRS-N				
	1970-80	1980-90	1990-95	1970-90	1970-95
ECONOMIA					
Primário	0,0715	0,0360	0,0165	0,1075	0,1240
Secundário	0,0120	0,0360	0,0155	0,0480	0,0635
Terciário	0,0340	0,0495	0,0010	0,0835	0,0845

CRS-E	0,1175	0,1215	0,0330	0,2390	0,2720
TERCIÁRIO					
Comércio	0,0055	0,0110	0,0125	0,0165	0,0290
Transp. e Comun.	0,0075	0,0120	0,0025	0,0195	0,0220
Ativid. Sociais	0,0130	0,0010	0,0000	0,0140	0,0140
Admin. Pública	0,0085	0,0005	0,0035	0,0090	0,0125
Demais Serviços	0,0025	0,0005	0,0165	0,0030	0,0195

CRS-E	0,0370	0,0250	0,0350	0,0610	0,0940

Fonte dos dados brutos: Censos Demográficos e PNADs. Elaboração da autora.

Tabela 9
Coeficientes de Redistribuição Setorial da População Ocupada Segundo Grupos de Ocupação
Brasil - 1970-95

Ocupações	CRS-N				
	1970-80	1980-90	1990-95	1970-90	1970-95
Técnicas e Cient.	0,0095	0,0045	0,0000	0,0140	0,0140
Administrativas	0,0100	0,0145	0,0140	0,0245	0,0385
Agropecuárias	0,0750	0,0375	0,0190	0,1125	0,1315
Ind. Transf./Constr.	0,0290	0,0055	0,0065	0,0235	0,0410
Comércio e Auxil.	0,0155	0,0150	0,0060	0,0305	0,0365
Transp. e Comun.	0,0030	0,0025	0,0010	0,0050	0,0065
Prestação de Serv.	0,0090	0,0130	0,0040	0,0220	0,0260

CRS-E	0,1510	0,0925	0,0505	0,2275	0,1900

Fonte dos dados brutos: Censos Demográficos e PNADs, IBGE. Elaboração da autora.

Nesses anos, as maiores parcelas de mudanças na participação se apresentam nas ocupações agropecuárias, que eliminaram grande parte de sua população ocupada, através do processo de intensa modernização via investimentos em capital fixo. As ocupações da indústria de transformação e de construção revelaram também um maior grau de transformação na representatividade, porém com sentido positivo, e é possível constatar-se um avanço das ocupações administrativas como resultado do crescimento de grandes empresas oligopolistas com sistemas multidepartamentais, que exigiam a ampliação da capacidade gerencial e de controle. Observe-se que, nos anos posteriores da década de 80 e 90, o grau de transformações nas representatividades diminuiu. Porém o sentido das transformações em um mesmo gênero nem sempre é o mesmo em todo o período: as ocupações agropecuárias, responsáveis pela maior parcela de transformações, apresentaram uma perda de representatividade nos anos 80 e ganhos nos 90, enquanto as administrativas aumentaram a participação até 1990 e, nos anos seguintes, sofreram os impactos dos movimentos de diminuição de níveis gerenciais associados à reestruturação organizacional, que substituiu trabalhadores por equipamentos de informática. Nas ocupações da indústria, os coeficientes pouco significativos representam perda de representatividade desde 1980, enquanto no comércio e na prestação de serviços resultam de ganhos de participação. É importante ressaltar-se o comportamento das ocupações técnicas e científicas que, em todo o período analisado, mostram um baixo coeficiente de redistribuição, que chega a ser nulo nos anos 90, revelando o fraco dinamismo do movimento de modernização e o aumento da disparidade em relação aos países mais avançados, que, como se constata, vêm aumentando a parcela dessas ocupações no total de ocupados.⁸¹ O exame das informações sobre os empregos registrados nas empresas, apresentado na Tabela 10, fornece um quadro mais significativo do processo de terciarização da economia. As informações não mostram o mercado informal de trabalho, e as transformações estruturais então se referem apenas às empresas formalizadas e é possível observar-se a considerável parcela de trabalhadores não-registrados do setor primário, uma vez que a

⁸¹ Kon (1996a).

representatividade dessas atividades, quando se considera todos os trabalhadores da economia, atinge em torno de 22% em 1990 e 26% em 1995. O movimento de crescente terciarização, à custa da diminuição constante de empregos no setor secundário, se observa desde o segundo quinquênio da década de 70 e se intensifica nos anos 90. Se, para o global dos trabalhadores brasileiros, quase 55% se alocavam nas atividades terciárias em 1990, no mercado formal, essa representatividade chega a mais de 76%, o que é explicado pelo fato de que, apesar do processo de diminuição de níveis hierárquicos e da substituição de empregos por trabalho executado através da informática, o processo de terceirização mencionado levou à criação de um número de novos empregos antes incorporados ao setor secundário.

Tabela 10
Distribuição percentual dos empregos no mercado formal de trabalho
Brasil - 1976-1993 (%)

Setores	1976	1985	1990	1993
ECONOMIA	100,0	100,0	100,0	100,0
Primário	0,8	1,6	2,0	2,2
Secundário	46,0	30,9	21,8	26,3
Terciário	53,2	67,6	76,2	71,5
TERCIÁRIO	100,0	100,0	100,0	100,0
Comércio	25,3	18,7	16,1	16,5
Instituições Financeiras	7,1	7,1	5,2	4,3
Com. e Adm. de Imóveis	0,9	0,5	0,9	1,2
Transportes	9,1	6,3	6,2	4,6
Comunicações	2,1	1,8	1,2	1,1
Alojam. e Alimentação	3,2	2,7	3,1	2,8
Repar. e Conservação	1,4	0,9	1,0	0,8
Pessoais e Domiciliares	3,5	4,6	5,5	3,7
Diversões, Radio/TV	0,6	0,1	0,1	0,5
Serv. Auxil. Ativ. Econ.	11,1	11,7	11,0	8,8
Comunitários e Sociais	12,4	7,4	7,0	9,4
Admin. Pública	8,9 *	31,8	30,6	27,4
Demais	14,4	6,4	12,0	19,1

Fonte dos dados brutos: RAIS, 1976, 1985, 1990, 1995.

* No ano de 1976, as estatísticas não incorporavam, nesse gênero, algumas atividades públicas que foram incorporadas nos comunitários e sociais e em outros gêneros junto com as privadas.

No entanto, com as medidas governamentais do início dos anos 90, com o Plano Collor, a atividade econômica, através de empresas do mercado formal, se restringiu fortemente, e em todos os setores observou-se uma migração de trabalhadores para o mercado informal. As atividades de serviços são mais facilmente objeto desse tipo de movimento, tendo em vista a maior possibilidade de empregos autônomos e com pouca exigência de investimentos de capital. Dessa forma, observa-se que, relativamente, o setor terciário mostrava uma situação de perda de representatividade em relação ao secundário, no que se refere à oferta de empregos formais, em 1993.

8.4. As transformações nos gêneros do terciário

Os indicadores das transformações verificadas entre os gêneros de atividades do terciário, quando se examinam os CRS-E com base no produto gerado da Tabela 7, mostram coeficientes superiores aos resultantes para a economia como um todo, embora próximos de zero, situando-se em 0,1290 para todo o período 1970-94; os anos de 1990-94 apresentam o indicador mais elevado (0,152), confirmando que as maiores variações nas representatividades se verificaram nos últimos anos do período, confirmando que o movimento de reestruturação produtiva e organizacional vem se intensificando após 1992; as menores variações se verificaram na década de 70 (0,0900). Uma análise nos indicadores de cada gênero do terciário no período mostra que as maiores variações relativas se deram nos Demais Serviços (0,0915)⁸², particularmente nos anos 1990-94, uma vez que englobam atividades auxiliares às empresas, como informática e outros serviços de assessoria mais especializados, que requerem alto nível de qualificação dos ocupados e incorporam também um percentual significativo de serviços pessoais e outros e baixa relação capital/trabalho com requisitos de baixa qualificação dos

⁸² Na realidade, a geração de produto dos alugueis resulta em coeficientes superiores, porém, nesse caso, não foram considerados como indicadores de atividades produtivas, pois, embora gerem renda, não representam o emprego de mão-de-obra direta. As atividades de administração de imóveis estão incorporadas em Demais Serviços.

trabalhadores. Além disso, nesse último período, a maior participação relativa desse grupo de atividades se deu também pela queda da representatividades de outros gêneros do terciário e principalmente dos demais setores.

As atividades financeiras revelam um coeficiente relativamente superior aos restantes (0,0620), mostrando os maiores ganhos na representatividade relativa na década de 70. No período 1990-94, o CRS-N se mostra superior à década anterior, porém com sentido contrário, ou seja, a variação no produto foi negativa. O comércio também apresenta indicadores relativamente superiores aos demais (0,0585), porém com perda de representatividade relativa, exceto de 1990-94. Apesar de se constatar na pesquisa anterior⁸³ que as atividades de comunicações revelaram as taxas mais elevadas de crescimento anual do produto e um crescimento elevado do produto por trabalhador, causado pela continuidade da introdução da informática nos processos produtivos, os CRS-N para essas atividades indicam um grau relativamente baixo de mudança na representatividade do gênero, que se situou em torno de 2,4% do produto gerado pelo terciário, em todo o período analisado. Isso também se verifica com os coeficientes dos transportes, embora as taxas anuais de crescimento do produto não tenham sido tão significativas quanto as das comunicações. Porém, de uma forma comparativa com economias mais avançadas, esses dois gêneros se revelam propulsores do processo de reestruturação econômica e de globalização, com crescimento na representatividade relativa sobre o produto gerado. No Brasil, não foi constatada uma intensidade de evolução correspondente ao grau requerido de complementaridade à modernização acelerada da economia como um todo. Deve-se ressaltar que, ao examinar-se o produto gerado, é possível estar-se interpretando, de forma equivocada, o grau de modernização dessas atividades no Brasil, uma vez que se tratam de serviços, em grande parte, fornecidos pelo setor público, em condições de tarifas subsidiadas mediante caráter social dos serviços e sem expectativas de lucratividade. No entanto, a privatização desses serviços e a elevação das condições de lucratividade por si só revelam a

⁸³ Kon (1996c).

modernização dos serviços em outras economias examinadas e, no caso do Brasil, apenas nos anos mais recentes se iniciou esse processo.

Se as mudanças de representatividade entre os grandes setores agregados da economia foram mais intensas, quando se utiliza a variável população ocupada, os coeficientes para os gêneros do terciário não tiveram a mesma intensidade, aproximando-se mais de zero. Observa-se, na Tabela 8, que o CRS-E mostrou-se ligeiramente superior na década de 70, período em que as atividades de serviços se ampliaram em complementação às taxas consideravelmente elevadas de crescimento das manufaturas. Na década de 80, que mostrou um indicador inferior, a parcela da redistribuição da representatividade, devida aos serviços de Transportes e Comunicações, apresentou os coeficientes superiores, resultantes da perda na participação setorial, ou seja, a modernização pouco intensa ainda se realizou nessa década de crise, quando se iniciou um processo de eliminação de postos de trabalho, substituídos pela automação em certos serviços. Apenas o comércio mostrou, no período, uma variação positiva na participação da população ocupada sobre o terciário, que, no entanto, resultou em um coeficiente inferior ao das atividades anteriormente mencionadas. Nas demais atividades, os coeficientes foram quase nulos, confirmando que a estagnação econômica dos primeiros anos e a recuperação posterior não foram suficientes para alterar significativamente a estruturação ocupacional anterior. Como verificado em pesquisa anterior⁸⁴, as maiores mudanças se deram com relação à diminuição relativa da condição de trabalho com carteira assinada. No início dos anos 90, as transformações se mostram superiores à década anterior e o coeficiente se aproxima do constatado nos anos 70. Particularmente após 1993, a reestruturação produtiva, com maior introdução de inovações tecnológicas e terceirização, ganhou intensidade. Após os ajustes do Plano Real, que levaram à estabilização da elevação nos níveis de preços e à elevação do poder de compra de grande parte da população de menor renda, o consumo global se intensificou. Esse comportamento se refletiu, particularmente, nos gêneros de

⁸⁴ Kon (1995).

comércio e demais serviços, que representam as maiores parcelas do CRS-E do período; nesse último gênero, como resultado não apenas do maior consumo de serviços pessoais fornecidos por um número superior de autônomos e voltados para a população de menor renda, mas também de serviços auxiliares às empresas, incorporados em pequenas empresas que resultaram do processo de terceirização verificado nos setores empresariais.

As análises das informações da Tabela 10 sobre a oferta de empregos no mercado formal da economia mostram que, em todo o período examinado a partir de 1976, a composição relativa da oferta de emprego dos vários gêneros de serviços sofreu transformações mais significativas nas atividades formais de comércio, instituições financeiras e nos demais serviços. No primeiro gênero do terciário, verificou-se perda gradativa de representatividade, de 1976 a 1990. O mesmo movimento se verificou quando se considera também as atividades informais desse gênero; essa menor participação é explicada não pela diminuição do número absoluto de empregos (que aumentou), mas pelo desenvolvimento de outras atividades de serviços complementares e mais modernos à medida do processo de industrialização. Já no caso das atividades financeiras, a perda de representatividade é resultado da modernização dos processos administrativos e da introdução da informática de modo intenso desde meados dos anos 80; isso também pode ser verificado com menor intensidade para os serviços de comunicações.

Também no gênero de transportes, verificou-se uma diminuição da parcela relativa de empregos, porém, nesse caso, verifica-se que, por um lado, a evolução dos serviços de atendimento à população não acompanhou as necessidades de complementaridade do crescimento populacional e do movimento de trabalhadores; por outro lado, os transportes complementares à atividade econômica empresarial se desenvolveram consideravelmente de forma autônoma, embora as estatísticas que incorporam o setor informal da economia também mostrem perda de participação relativa. É possível inferir-se, a partir disso, o atraso relativo do desenvolvimento de transportes e comunicações do País, relativamente às necessidades da reestruturação

produtiva que conduz à modernização e à globalização da economia. O mesmo atraso relativo se verifica com relação aos serviços auxiliares às empresas, representados por serviços de informática, assessorias administrativas, contábeis e outros, que, nos países avançados, estão associados à reestruturação organizacional e ao processo de modernização desde meados dos anos 70; nessas atividades, a representatividade não sofreu alterações de 1976 a 1990 e mostrou perda considerável no início dos anos 90, uma vez que, nos países mais avançados, esses serviços mais modernos e sofisticados vêm ganhando importância relativa, particularmente após os anos 80.

Como resultado dessa conjuntura, observa-se ainda o crescimento da representatividade de serviços pessoais, resultado também da difusão de novas e pequenas empresas que se criaram a partir da eliminação de empregos no setor secundário; apenas no início dos anos 90, como resultado das políticas governamentais do Plano Collor, observa-se uma considerável transformação na importância relativa desses serviços, com aumento do setor informal em detrimento do formal.

Um exame mais detalhado sobre a distribuição ocupacional do setor de serviços na década de 80, para o ano de 1983, auge da crise, e 1989, ano que já refletiu a recuperação econômica relativa, mostra que essa recuperação se efetuou sem incorporar a modernização, como retratado na Tabela 11. Observa-se inicialmente que em todos os gêneros de serviços, as ocupações de autônomos ou Conta-Própria apresentaram maior representatividade em 1983, confirmando o movimento de forte restrição da atividade econômica pelas empresas e a recuperação no final do período. Apesar de que, nos anos de recuperação, particularmente a partir de 1985, a reestruturação organizacional dentro das empresas tenha apresentado um movimento de *downsizing*, ou seja, de diminuição da hierarquia e do número de postos gerenciais; no final da década, as categorias de ocupações gerenciais ainda se mostram mais representativas do que no ano de auge da crise, diante da relativa recuperação. Por outro lado, verifica-se um aumento de ocupações mais

qualificadas, ou seja, um movimento mais significativo de modernização apenas no gênero de serviços auxiliares às empresas e um aumento pouco representativo nas atividades de comércio, serviços sociais (que incluem saúde, ensino e atividades sem fins lucrativos) e nos demais serviços; as atividades financeiras de transportes e comunicações, que, como vimos, em economias mais avançadas, apresentam a maior dinâmica, no País, não mostram aumento na parcela de qualificados em relação ao período de maior estagnação. Ao lado disso, as categorias de ocupações não-qualificadas nas empresas apresentam um aumento relativo em 1989 no comércio, administração pública, serviços auxiliares às empresas e nos demais serviços e um decréscimo não-significativo nos demais gêneros, confirmando a não-retomada do processo global de modernização nas empresas ou a lenta caminhada nesse sentido.

Tabela 11
Distribuição Ocupacional do Setor de Serviços
Brasil - 1983-89

Categories ocupacionais		Comér- cio	Transp. e Comu.	Ativ. Financ.	Serv. Sociais	Admin. Pública	Serv. Repar.	Serv. Aux. às Empr.	Demais Serviç.	(%)
EMPRESAS										
	1983	67,4	97,4	94,7	95,8	100,0	60,6	84,4	26,0	
	1989	76,9	97,3	100	96,7	100,0	72,6	92,0	36,0	
Gerenciais										
	1983	10,8	2,9	9,8	3,9	6,6	9,1	8,3	3,1	
	1989	14,2	4,5	12,2	5,2	6,4	12,2	11,3	4,7	
Qualificados										
	1983	1,6	4,3	12,2	53,6	18,8	0,6	11,3	1,0	
	1989	2,0	6,0	12,2	54,2	18,7	0,6	19,2	1,5	
.Produção										
	1983	0,4	2,2	1,5	52,7	6,5	0,4	6,8	0,8	
	1989	0,5	3,0	1,2	53,4	6,4	0,4	15,6	1,2	
.Administração										
	1983	1,2	2,1	10,7	0,9	12,3	0,2	4,5	0,2	
	1989	1,5	3,0	11,0	0,8	12,3	0,2	3,6	0,3	
Semiqualficados										
	1983	47,2	78,2	61,2	24,8	62,3	46,4	53,8	12,3	
	1989	51,8	72,3	64,9	24,9	58,4	55,9	49,7	17,5	
.Produção										
	1983	35,1	70,4	20,2	9,6	16,7	44,9	23,0	11,2	
	1989	38,7	63,4	30,4	10,6	18,4	54,0	21,1	15,8	
.Administração										
	1983	12,1	7,8	41,0	15,2	45,6	1,5	30,8	1,1	
	1989	13,1	8,9	34,5	14,3	40,0	1,9	28,6	1,7	
Não-qualificados										
	1983	7,8	12,0	11,5	13,5	12,3	4,5	11,0	9,6	
	1989	8,9	14,5	10,8	12,4	16,5	3,9	11,7	12,3	
.Produção										
	1983	5,0	9,4	0,1	0,9	2,2	1,4	4,2	2,8	
	1989	5,2	11,1	0,2	0,6	5,7	1,5	3,2	2,6	
.Administração										
	1983	2,8	2,6	11,4	12,6	10,1	3,1	6,8	6,8	
	1989	3,7	3,4	10,6	11,8	10,8	2,4	8,5	9,7	
CONTA-PRÓPRIA										
Total										
	1983	32,5	2,6	5,3	4,1	-	39,3	15,5	24,0	
	1989	23,1	2,7	-	3,3	-	27,3	8,0	18,3	
Prof. Liberais										
	1983	-	-	-	2,6	-	-	8,4	-	
	1989	-	-	-	2,3	-	-	1,4	-	
Outros										
	1983	32,5	2,6	5,3	1,5	-	39,3	7,1	24,0	
	1989	23,1	2,7	-	1,0	-	27,3	6,6	18,3	

Fonte dos dados primários: IBGE-PNADs 1983 e 1989. Elaboração da autora.

8.5. A redistribuição regional dos serviços

O processo de reestruturação produtiva no Brasil, nos períodos de desenvolvimento ou de estagnação da economia, verificou-se entre os setores e subsetores produtivos, como visto anteriormente; porém, como também constatado para outros países, ocorreu paralelamente um movimento de redistribuição de atividades entre regiões. Esse movimento, em um momento da história econômica brasileira após o período de industrialização, acarretou um aumento das diferenças nos níveis de desenvolvimento, mensurado pela geração de produto, como é notório, favorecendo as regiões Sudeste e Sul. A partir dos anos 80, as políticas governamentais de estabilização repercutiram mais negativa e intensamente sobre as regiões/pólos mais industrializadas do País, diminuindo, em certo grau, as disparidades regionais, que, no entanto, não perderam seu caráter de considerável desigualdade.

A Tabela 12 retrata os CRS-E regionais tendo como base a variável população ocupada, que permite a avaliação das transformações na representatividade da variável em cada região em um mesmo setor. Primeiramente, é constatado que, para a economia como um todo, a redistribuição da população ocupada entre regiões não se verificou a uma taxa considerável e foi mais intensa no período a partir de 1989. Considerando-se o terciário, observa-se, no primeiro período, uma maior redistribuição regional da representatividade das atividades do que nos demais setores, sendo que as variações nas participações se verificaram de forma negativa, porém quase nula para o Sul (-0,5%) e Nordeste (-0,7%), e positiva para as demais regiões (entre 0,1% e 0,7%). Nos anos mais recentes, a situação se inverte, pois os coeficientes superiores são apresentados para o setor secundário e as regiões do Rio de Janeiro (-1,3%), São Paulo (-1,9%), Sul e Centro-Oeste (-0,2%) apresentam perda de representatividade e, as demais, ligeiros ganhos (de 0,3% a 2,1% no Nordeste).

Embora também não apresentando redistribuição inter-regional muito significativa internamente ao setor terciário, as maiores variações na representatividade se

verificaram na década de 80 na Administração Pública, com ganhos consideráveis de representatividade no Nordeste (4,6%), contrabalançando uma perda também considerável no Rio de Janeiro (-4,0%). No período mais recente, essas atividades apresentam coeficientes menores que os do comércio, serviços auxiliares às empresas e demais serviços. Nesse último setor (que nessa tipologia setorial agrega principalmente serviços pessoais, de reparação e outros tradicionais tecnologicamente menos avançados), no período de 1983-89, o grau do CRS-E se apresenta em seqüência em relação aos demais gêneros, e às regiões economicamente mais avançadas de São Paulo (-3,1%), Rio de Janeiro (-1,1%) e Minas Gerais - Espírito Santo (-0,4%) mostram variações negativas, isto é, perda de representatividade desse gênero sobre o total do terciário, particularmente a primeira; das demais regiões, que apresentam variações positiva, o Nordeste (1,6%) revela os maiores indicadores, seguido pela região Sul (1,3%). Nos anos posteriores, embora o coeficiente não apresente alteração significativa, as variações de algumas regiões diferem do período anterior, como, por exemplo, em São Paulo, que apresenta indicadores positivos (3,0%) e, no Rio de Janeiro (-2,7) e em Minas Gerais - Espírito Santo (-1,45%), as perdas são superiores.

Tabela 12
Coefficientes de Redistribuição Setorial por Regiões
Brasil - 1983/89 e 1989/95

Setores	1983/89	1989/95
ECONOMIA	0,01500	0,03000
Primário	0,01900	0,03496
Secundário	0,02450	0,09281
Terciário	0,02950	0,02645
TERCIÁRIO	0,02950	0,02645
Comércio	0,02900	0,07500
Transportes e Comunicações	0,02800	0,01950
Atividades Financeiras	0,02600	...
Serviços Sociais	0,02450	0,02511
Administração Pública	0,05385	0,02825
Serviços Auxiliares às Empresas	0,03650	0,03400
Demais Serviços	0,04550	0,04820

Fonte dos dados brutos: PNADs, 1983 e 1989 - IBGE. Elaboração da autora.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo analisa o papel dos serviços no desenvolvimento e na reestruturação econômica nos países avançados e em desenvolvimento. O foco de atenção, portanto, se dirigiu para os fatores que afetam a expansão das atividades de serviços. Foi dada ênfase ao papel crucial do setor terciário no processo de desenvolvimento econômico e foram discutidas as tendências históricas na produção, no emprego e na produtividade, encontradas na literatura pertinente.

Constatou-se que o papel dos serviços no desenvolvimento das economias tem características diferenciadas em países mais avançados ou em desenvolvimento, porém é fundamental em qualquer nível de desenvolvimento, ao tornar-se a maior fonte de geração de empregos na atualidade. Por outro lado, o papel dos serviços é mais do que esse, é um pré-requisito para o desenvolvimento e não apenas um resultado ou um produto final. Assim, sua provisão adequada torna-se, então, um elemento crucial da dinâmica do processo de desenvolvimento das economias. Nesse sentido, os serviços governamentais desempenham um papel fundamental em países menos avançados, seja através do fornecimento de bens públicos, ou da complementação da provisão privada de serviços de mercado, a fim de fornecer uma infra-estrutura, serviços educacionais e de saúde, que preparam a economia para o caminho da modernização econômica.

A reestruturação da composição das atividades produtivas das economias de diferentes níveis de desenvolvimento foi associada à velocidade e ao grau de inovação tecnológica nos processos produtivos e organizacionais, principalmente ligados ao setor de serviços, ou seja, no campo da telemática e outros processos de telecomunicações, serviços de informática, relacionados à transferência de informação e conhecimento. Além disso, a relevância dos serviços no comércio internacional foi observada através da experiência tanto das economias modernas como das menos avançadas, bem como o impacto sobre o desenvolvimento local e regional dessas economias. Essas transformações regionais levaram, recentemente, a

um modelo teórico diferente de influências econômicas baseadas em lugares-centrais distintos ou distintos pólos de crescimento em uma mesma região, em vez da teoria anterior sobre um único lugar-central.

A análise do processo de terciarização para o Brasil revela que o processo de reestruturação produtiva, que leva à elevação da representatividade das atividades terciárias da economia, é constante e gradual, como nas economias mais avançadas, no entanto, se mostra relativamente mais lento nesse país. A terciarização brasileira se apresenta como consequência não apenas do processo de desenvolvimento econômico, como nas demais economias industrializadas, mas também como ajustamento das necessidades de emprego e de geração de renda em conjunturas economicamente desfavoráveis.

Observa-se, no Brasil, que as atividades terciárias consideradas propulsoras da modernização e da globalização, como comunicações e transportes, não apresentam a dinâmica de evolução que seria compatível com um desenvolvimento considerável. Ao lado disso, paralelamente ao processo de reestruturação produtiva, a qualificação da população ocupada não sofreu grandes alterações, o que indica um ponto de estrangulamento relevante para a introdução da inovação tecnológica mais sofisticada. Isso se reflete no fato observado de que as transformações estruturais na representatividade do produto gerado pelo terciário são mais lentas do que as verificadas na estrutura ocupacional, confirmando que o processo de terciarização se verificou mais intensamente com relação ao mercado de trabalho, com a criação de um grande número de atividades tecnologicamente menos avançadas, com menor relação capital-trabalho e, conseqüentemente, a geração de produto não acompanhou o crescimento relativo dos ocupados.

Interiormente ao setor terciário, observa-se também a falta de dinamismo de setores mais dinâmicos e básicos para o processo de modernização e globalização da economia, como transportes, comunicações, serviços auxiliares às empresas. Porém é possível observar-se, através do número de empregos oferecidos pelo mercado

formal da economia, o início de um processo de reestruturação organizacional baseado na crescente introdução de informática e eliminação de níveis hierárquicos gerenciais e de postos de trabalho na indústria e em gêneros de serviços mais modernos. Dois setores que se encontravam anteriormente superdimensionados em relação ao resto da economia, ou seja, o governo e as atividades financeiras, apresentam relativamente um declínio na representatividade, tanto do ponto de vista de geração de produto⁸⁵, quanto da absorção de trabalhadores.

Em suma, a terciarização observada no País que, como nos países mais avançados, vem aumentando de velocidade com o atual processo de reestruturação produtiva, como ajustamento às necessidades dos requisitos da economia globalizada, no Brasil, apresenta características diferenciadas dos países de maior nível econômico. Esse aumento do setor terciário tem se verificado grandemente em virtude da reestruturação tecnológica e organizacional de empresas industriais, como impacto do processo de globalização econômica. A indústria de transformação vem repassando para o setor de serviços, desde os anos 80, o seu papel de geradora líquida de empregos. Porém, diferentemente do processo de modernização verificado naqueles países, o aumento das atividades de serviços vem se manifestando menos intensamente pelo aumento de serviços mais sofisticados voltados para o atendimento das novas tecnologias, mas grandemente pela criação de novos postos de trabalho autônomos ou de pequenas e médias empresas que utilizam tecnologias menos avançadas e que requerem menor qualificação, ou seja, devido ao fluxo de trabalhadores que criam suas próprias oportunidades de trabalho e de pequenos capitais individuais em busca de aplicação produtiva.

Assim, a reestruturação organizacional, associada a novas tecnologias, à terceirização e às fusões, apresenta como resultado, por um lado, a destruição de um número considerável de empregos, como vimos; porém, por outro lado, cria uma série de novas necessidades de consumo e de serviços complementares. Observa-se,

⁸⁵ No caso da Administração Pública, o produto gerado é mensurado pela Ótica da Renda, ou seja, particularmente remunerações do trabalho geradas. Veja Kon (1992), capítulo 1.

paralelamente, uma transformação considerável na estruturação ocupacional⁸⁶: algumas ocupações tornam-se obsoletas e substituíveis, principalmente as ligadas a processos de controle administrativo, enquanto novas ocupações são criadas, como as voltadas à qualificação da mão-de-obra, à preservação ambientalista ou à qualidade de vida. Com relação a esses aspectos, novos produtos e serviços vêm sendo criados e incorporados a instituições de serviços voltados para objetivos sociais, como as Organizações Não-Governamentais (ONGs), que resultam em formas de cooperação voluntária e serviços sem fins lucrativos, porém que geram um volume não-desprezível de empregos e de remunerações.

O movimento líquido da destruição e da geração de novas oportunidades de trabalho na economia brasileira ainda não foi bem avaliado, tendo em vista a necessidade de pesquisa estatística específica para esse objetivo. As informações disponíveis sobre o desemprego global da economia brasileira dão conta de que as taxas se mantiveram em um patamar estável com oscilações não-significativas desde a década de 80, apesar dos movimentos de eliminação de emprego nas empresas formais, como resultado tanto de períodos de crise econômica quanto da reestruturação organizacional que se seguiu. No entanto, esses indicadores refletem também a parcela relacionada aos ajustamentos através do mercado informal e do aumento da precariedade nas condições de trabalho da economia brasileira.

⁸⁶ Kon (1995), capítulo 3.

III. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKEHURST, Gary and GADREY, Jean (Editors), *The Economics of Services*, Frank Cass and Co. Ltd., London, 1987.
- AMADEO, Edward J., SCANDIUZZI, João Carlos e PERO, Valéria, “Ajuste empresarial, empregos e terceirização”, *Revista de Economia Política*, vol. 16, nº 1 (61), janeiro-março/1996.
- BAILY, A. S. and MAILLAT, D., *Le secteur Tertiaire en question: activités de service, développement économique et spatial*, Editions Regionales Europeenes, Geneva, 1986.
- BAILY, Antoine and MAILLAT, Denis, “Service Activities and Regional Metropolitan Development: a Comparative Study”, Daniel P. W. (ed.) *Services and Metropolitan Development*, Routledge, New York, 1991.
- BAUMANN, R., “Uma visão econômica da globalização”, *O Brasil e a Economia Global*, Ed. Campus, 1996.
- BANNON, M. J., “The Tertiary Sector and National Development: The Case of Ireland”, Ferre and d’Entremont, A. (ed.) *The Changing Geography of Urban Places*, University of Navarra, 1987.
- BARRAS, R., “New Technologies and the New Services”, *Futures*, nº. 18, 1986.
- BAUMOL, William J., “Macroeconomics of Unbalanced Growth”, *American Economic Review*, nº. 57, 1967.

- BAUMOL, William J., "Information Technology and Service Sector: A Feedback Process?", in *Services in Transition. The Impact of Information Technology on the Service Sector*, Fauhaber, G. (ed.), Ballinger Pub. Co., Cambridge, Mass., 1986.
- BAUMOL, William J., *Productivity Policy and the Service Sector*, Discussion Paper 1, Fishman-Davidson Center for the Study of the Service Sector, Washington, D. C., 1987.
- BRAVERMAN, H., *Labor and Monopoly Capital*, Monthly Review Press, New York, 1974.
- CACCIAMALLI, Maria Cristina, *Setor Informal Urbano e Formas de Participação na Produção*, Série Ensaios Econômicos, nº 26, IPE-USP, São Paulo, 1983.
- CASTELLS, M., *The Informational City: Information Technology, Economic Restructuring and the Urban-Regional Process*, Blackwell, Oxford, New York, 1989.
- CLARK, C. A., *The Conditions of Economic Progress*, MacMillan, London, 1940.
- CHULLY, Juan Bautista Nunura, *Ajustamento e Informalidade no Mercado de Trabalho Peruano: 1950-1989*, FEA-USP, Tese de doutorado, São Paulo, 1992.
- COUTINHO, Luciano G., "A Fragilidade do Brasil em Face da Globalização", em Baumann R. (org.) *O Brasil e a Economia Global*, Campus, Rio de Janeiro, 1996.
- DANIELS, P. W., *Service Industries in the World Economy*, Backwell Pub., Oxford, UK, 1993.

- DANIELS, P. W., *Services and Metropolitan Development*, Routledge, London, 1991.
- DANIELS, P. W. e LEVER, W. F., *The Global Economy in Transition*, Longman, England, 1996.
- FISHER, A. G., “Production, Primary, Secondary and Tertiary”, *Economic Record*, nº 15, June/1939.
- HADDAD, P. R. e outros, *Economia Regional: Teorias e Métodos de Análise*, BNB/ETENE, Fortaleza, 1989.
- HOYT, Homer and others, *The Techniques of Urban Economic Analysis*, Ralph W. Pfouts (ed.), West Trenton, New Jersey, 1960.
- ILO, *Yearbook of Labour Statistics. Restropective Edition on Population Censuses, 1945-1989*, ILO Bureau of Statistics, Geneve, 1990.
- ILO, *Yearbook of Labour Statistics*, ILO Bureau of Statistics, Geneve, 1994.
- INMAN, Robert P. (ed.) *Managing the Service Economy. Prospects and Problems*, Cambridge University Press, New York, 1985.
- JAEGER, Carlo and DURRENBERGER, Gregor, “Services and Counterurbanization: the Case of Central Europe”, Daniels, P. W. (ed.), *Services and Metropolitan Development*, Routledge, London, 1991.
- KON, Anita, *O Problema Ocupacional: Implicações Regionais e Urbanas*, Perspectiva, São Paulo, 1979.
- KON, Anita, *A Produção Terciária*, Nobel, São Paulo, 1992.

KON, Anita, *Economia Industrial*, Nobel, São Paulo, 1994.

KON, Anita, *A Estruturação Ocupacional Brasileira: uma Abordagem Regional*, SESI, Brasília, 1995.

KON, Anita, “Tecnologia e Trabalho no Cenário da Globalização”, *Globalização*, PUC-SP, São Paulo, 1996a.

KON, Anita, *Subsídios Teóricos ao Planejamento Público Econômico*, NPP-EAESP-FGV, Relatório Técnico de Pesquisa, São Paulo, 1996b.

KON, Anita, *Evolução do Setor Terciário Brasileiro*, NPP-EAESP-FGV, Relatório nº 14, 1996c.

LERDA, Juan Carlos, “Globalização da Economia e Perda da Autonomia das Autoridades Fiscais, Bancárias e Monetárias”, em Baumann, R. (1996), opus cit.

MARSHALL, J. Neill, *Services and Uneven Development*, Oxford University Press, New York, 1988.

MARSHALL, J. Neil & WOOD, Peter A., *Services and Space: Key Aspects of Urban and Regional Development*. Longman Group Limited, Harlow, England, 1995.

MASSEY, D. *Spatial Division of Labor*, MacMillan, London, 1984.

MASSEY, D. and MEEGAN, R., *The Anatomy of Job Loss*. Methuen, Andover, 1982.

McKEE, David L., *Growth, Development and the Service Economy in the Third World*, Praeger, New York, 1988.

- MILES, I., "Services in the New Industrial Economy", *Futures*, July/August, 1993.
- MORAES, Fábio Cassio, *Impactos Econômicos da Tecnologia da Informação*, PUC-SP, Dissertação de Mestrado, São Paulo, 1996.
- NORMANN, Richard, *Service Management: Strategy and Leadership in Service Business*, John Wiley & Sons, Chichester, England, 1991.
- NOYELLE, T. J. and STANBACK, T. M., *The Economic Transformation of American Cities*, Rowman and Allanheld, Osman, New Jersey, 1984.
- NOYELLE. T. J., *The International Services Economy*, paper presented at Localities in An International Economy Workshop, University of Wales, Institute of Science and Technology, Cardiff, 1986.
- NOYELLE, T. J. and STANBACK, T. M., *The Post-War Growth of Services in Developed Economies*, Report to United Nations Commission on Trade and Development, Geneva, 1988.
- NUSBAUMER, Jacques, *The Service Economy: Lever to Growth*, Kluwer Academic Publishers, Boston, 1987.
- NUSBAUMER, Jacques, *Services in the Global Market*, Kluwer Academic Publishers, Boston, 1987.
- OCHEL, W. and WEGNER, M., *Services Economy in Europe. Opportunities to Growth*, Pinter, London, 1987.

OECD, “The Contribution of Services to Employment”, *Employment Outlook*, Sep./1984.

PERROUX, François, “Note on the Concept of Growth Poles”, David L. McKee, Robert D. Dean and William H. Leahy, (eds.) *Regional Economics: Theory and Practice*, Free Press, New York, 1970.

PINCH, S. P., “The Restructuring Thesis and the Study of Public Services”, *Environment and Planning*, N. 21, 1989.

QUADROS, Waldir José, “A Reestruturação das empresas e o emprego de classe média”, em *Crise e Trabalho no Brasil*, Scritta, São Paulo, 1996.

RIDDLE, Dorothy I., *Service-Led Growth. The Role of the Service Sector in World Development*, Praeger Publishers, New York, 1986.

RIMA, Ingrid H., *Labor Markets in a global Economy*, M. E. Sharpe, New York, 1996.

RIMMER, Peter J., “The Global Intelligence Corps and World Cities: Engineering Consultancies on the Move”, Daniels (ed.) *Service and Metropolitan Development*, Routledge, London, 1991.

SANTOS, Milton, “O retorno do território”, em *Santos Território, Globalização e Fragmentação*, Hucitec, São Paulo, 1994.

SAUVANT, Karl P., *The Transnationalization of Service Industries*, United Nation, Transnational Corporations and Management Division, New York, 1993.

SVETLICIC, Marjan, “Globalization, economic integration and political disintegration”, *Development & International Cooperation*, (9) 16, junho/1993.

UNITED NATIONS, *The Transnationalization of Services Industries*. United Nations, New York, 1993.

UNITED NATIONS, *Handbook of International Trade and Development Statistics*, New York, 1994.

UNCTAD, “Transnational Corporations, Employment and the Workplace”, *World Investment Report*, Geneva, 1994.

URDAN, André Torre, “O papel possível e os critérios necessários na tendência da terceirização no setor público”, em *Anais do 18º ENANPAD*, vol. 3, Curitiba, 1994.

WARF, Barney, “The Internationalization of New York Services”, Daniels, P. W. (ed.) *Services and Metropolitan Development*, Routledge, London, 1991.

WILLIAMSON, J. “Democracy and the Washington Consensus”, em *World Development*, 21 (8), 1993.

WORLD BANK, *World Development Report 1996*, Oxford University Press, New York, 1996.

ZWEIFEL, Peter, *Services in Switzerland*, Spring-Verlag, Berlin, 1993.